

COMEDIA NOVA **INTITULADA** **O ILLUSTRISSIMO** **D. AFFONÇO** **DE ALBOQUERQUE** **EM GOA:** **INTERLUCTORES**

D. Affonço, General Portuguez.	Restomocan, Senhor da Ilha.
D. Ayres)	Readmira) Filhas do dito.
D. Diogo) Capitaens Portuguezes.	Alinda)
Melrão, Principe de Baticalá, des-	Astige, confidente de Melrão.
tinado esposo de Readmira.	Capitaens, e Soldados Portuguezes.
Maliqui Agri, Governador da Ilha	Soldados Gentios, e prisioneiros &c.
de Vorati.	

A scena se figura em Goa, e nos seus Palmares mais vizinhos &c. &c. &c.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Vista da Cidade de Goa, cercada de muros arruinados a hum lado da scena: da outra mar, e ao meio bosque de palmeiras, e diversas arvores Indianas.

*Aparece Maliqui, e quatro Indianos encostados ás arvores, com os alfan-
ges em terra.*

Mal. **I** Mpios Deozes ! Que mais
atrocidade,
Prepara contra mim vossa impiede-
de!

Porém, que me succede ! eu fugi-
tivo !
Restomocan dos barbaros capti-
vo !

A

A

A amada espoza ás leis dos vencedores
 Entreguê já ! Os mizeros clamores
 Que em meus ouvidos ainda agora soaõ,
 Os alaridos , que esse campo atoaõ,
 Não incitaõ em mim valor constante ?
 Que espero !, que não vou valente,
 e amante,
 Em huma acção tão nobre, e tão honroza,
 Ou morrer , ou vingar a amada espoza :
 Vós, Soldados , amigos verdadeiros,
 Nos perigos da guerra companheiros,
 Agora, mais que nunca, commovidos
 Da dor de ver os vossos bens perdidos ;
 O Principe em grilhoês maniatado,
 Cobrai novos esforços, e a meu lado
 Invenciveis Amoucos, resgatemos
 Essas mizeras vidas ; não deixemos
 Injuriada a fama das victorias,
 E aquellas tão antigas, e altas glorias
 Da excelsa Goa. Em fim...
 Mas que esperamos,
 Que esse rio depressa não passamos,
 E dispersos nos mizeros extremos
 As vastissimas terras discorremos
 Do Idostan? Ah fim, para Onor fogindo,
 Ou, sequer, a Narfinga, e lá pedindo
 Dos Principes soccorro.... Mas que vejo?
 Até a execução deste desejo,

Nos impede a fortuna : eu estou vendo
 Que por entre esses troncos vem correndo
 Esquadroês numerozos : as luzentes
 Espadas se devizaõ ! Ceos clementes !
Correndo para huma, e outra parte.
 A nossa ruina he certa : buscaremos
 Para esta parte azillo ; delle vemos
 Inimigos tambem. Iniquo fado !
 Que farei ? Porém já renho alcançado
 O que devo fazer : desta victoria,
 Com minba morte roubarei a gloria
 Aos feros vencedores, a que fique
 De meo sangue o padraõ ; elle publique
 O valor, a constancia, a herocidade,
 Com que perdida a mizera Cidade,
 Sobreviver não quiz a tanto damno,
 Ludibriozo objecto do tiranno.
Desembainha o alfange, e os mais o imitaõ.
 E vós tambem, em quem valor contemplo,
 Tomai de mim o mais honrado exemplo :
 Não se faça da vida alguma conta ;
 A morte vale mais do que huma affronta ;
 Tambem isto he valor. *Vai a matar-se, e juntamente os Indios.*
Sahz Melraõ, com Soldados, que suspendem os que se querem matar.
Melr. Oh lá suspende. *Segurando o.*
Mal. E quem es tu, que o golpe me defende?

Mec.

Melr. Sou mais do que tu julgas. Por ventura

Es Canatim ? Que barbara loucura

Intentavas fazer ? Não temas ; nada Aqui pode offender-te.

Mal. Gente armada

Alli vejo Senhor. *Olhando para o bosque.*

Melr. Deixa os temores.

Mal. Todos julgo que são conquistadores. *Sahe Astiage, e Soldados.*

Melr. Chega, Astiage, dizeme : avizaste

A Restomocan já ?

Astiag. Quanto mandaste

Effetuar não pude. A inclemencia Dos Ceos frustrou a nossa deligencia.

Já de todo a Cidade está rendida, E da perfida genre pessuada :

Os seus muros por terra derribados ;

Os Cidadãos em carceres fechados.

Melr. Impios Numes, que escuto ? *Turbasse.*

Mal. Certamente *Reparando nelle.*

Este o Principe he, que felizmente Restomocan confausto magestoso

Ha dias que esperava para espoza Da bella Readmira. *A parte.*

Melr. Infausto dia !

Desgraçada Princeza ! Quem diria Que quando o meu amor, se destinava

O Regio Thalamo, em prizoês te achava ! *Emcofta-se.*

Mal. Principe excelso, agora te conheço. *Ajoelha.*

A teus pés humilhado auxilio peço. Aprestate, Senhor, ah, vagarozos

Os teus passos não sejaõ os orgulhoz

Pensamentos rebate des tirannos : Tu só podes livrar de tantos damuos

Os mizeros captivos ; da penoza Escravidão a tua amada espoza, E amim de tanta pena.

Melr. Oh cruel sorte ! *Dexesperado.*

Mal. Aprestate, Senhor, se he que da morte

Não tem já o rigor exprimentado.

Melr. E quem es tu, que assim tão empenhado

Em teu auxilio estás ?

Mal. Eu sou, Senhor

Dessa Ilha de Voral Governador.

Melr. E para onde teus passos dirigias

Levado do temor ? Que pretendias Fazer na execucao do golpe infano

Que te evitei ?

Mal. Queria, deshumano,

E compacivo fer.

Melr. E de que sorte ?

Mal. Queria, sim, com voluntaria morte

Dar do valor ao mundo hum claro indicio,

Fazendo ao meu amor hum sacrificio,

Antes que entre grilhoês maniatado, Pelas ruas de Goa ser levado,

Entre irizoês indignas, e clamores,

Para augmentar a gloria aos vencedores.

Melr. He digna acção de hum peito valerozo.

Vem a meus braços, vem.

Mal. Ah generozo

Principe, e Senhor. *Abraçaõ-se.*

Melr. Já sem demora,

A cauza deste mal me conta agora.

Suspensão me não tenhas, charo
 amigo
 Sua sorte me conta, e teu perigo.
 Deste estrago as imagens sempre
 vivas
 Em meu peito crueis, e vingati-
 vas
 Paixões excitaraõ. Esses Soldados,
 Ficaraõ nos Palmares acampados;
 E tu Maliqui Agrii, deste lucce-
 ço *Astiage se retira com os*
Soldados.

A noticia me dá.

Mal. Eu te obedeco.

Já serás sabedor, como de Goa
 De quem o nome a todo o mun-
 do atrôa;

Emporio o mais famozo do Ori-
 ente,

A mais bella Cidade, e florescen-
 te,

Os Portuguezes, gente a mais im-
 pia,

Se fizeraõ Senhores n'um só dia.

Importuno seria, se quizesse

Pintarte, Graõ Senhor, a imagem
 desse

Rigido combate: á vista della,

O espirito foge, o sangue gella.

Resiomocan, a quem tinha ficado

O governo total encarregado,

Temendo este furor, logo aos pri-
 meiros

Dias manda por varios mensageiros

Avizar ao Idalcao, e os confinan-
 tes

Serdeçais do paiz, poucos instantes

Lhe durou a esperanza; pois fa-
 bendo

D. Affonso, esta acção, e não que-
 rendo

Demorar-se mais tempo, ordena
 logo,

Se com netta a Cidade a ferro, e
 fogo.

Apenas pois o Nume glorioso,
 Que adoramos, raiou claro, e for-
 mozo,

Quando ao som de instrumentos
 nunca ouvidos,

Sahir vimos soldados escolhidos

De Europeos valorozos: o luzente

Reflexo, ou resplendor do Sol ar-
 dente

Que nos vestidos de aço reflectia,

Hum Mongibello ao longe parecia:

As cabeças de plumas adornadas,

Mas mãos lanças, e armas, que
 torjadas

Na esfera do fogo, o despediaõ,

De hum panico terror meu peito
 enchiaõ.

Desta fórma, Senhor, se apre-
 zentaraõ

A' nossa vista; a furia que mostra-
 raõ.

Na primeira avançada, que nos de-
 raõ,

Nossos peitos de assombro nos en-
 cheraõ:

A confuzão, o horror, os alari-
 dos,

O sangue, a furia, as mortes, os
 gemidos,

O destroço da mísera Cidade,

E depois deste, a impia atrocida-
 de

Com que os crueis, e barbaros
 Soldados,

Com cordas, e grilhoes maniata-
 dos,

Os anciãos, as míseras donzellas,
 Levavaõ estes, conduziaõ aquel-
 las,

Expressarte não sei; esta pintura,

Oura idéa requer, mais nobre,
 e pura.

Tu, Graõ Senhor, só podes de-
 lineala,

Ten-

Tendo a espada na mão para vingala.

Huns do temor indigno possuidos,

Dos muros se despenhaõ destemidos;

Outros tem para si, que he melhor sorte

Por suas proprias mãos buscar a morte.

Amai chora com dor inexplicavel

Do charo filho a perda irreparavel.

Tambem lamenta a espoza o doce amante,

Que vivo, e morto o vê no mesmo instante.

O combate no horror, e no perigo,

Faz apartar o amigo do outro amigo.

Foge o filho do pai; deste se esquece

O mesmo pai; e tudo o que apparece

Ante os olhos contrario se imagina:

Tudo he dor, confusão, morte, e ruina.

Pelas ruas, e praças infinitos

Moribundos estão em altos gritos

Supplicando com mizera esperança

O remedio do mal, ou a vingança;

E o que pio se chega, e que o soccorre,

Primeiro que elle, (oh dor!) acaba, e morre.

Eu sómente com estes, que escaparaõ,

Que fiéis me seguiraõ, e acompanharaõ,

Pelas grandes ruinas do alto muro,

Caminho fiz, se bem que mal seguro,

Servindo de tropêço, e de embaraço,

Os moribundos corpos: a este passo,

Hum Capitaõ dos feros inimigos

Me acommette cruel; nestes perigos,

Eu vendome de todo já cercado,

E para a fuga o passo embaraçado.

Duvido o remedio, o mal tão perto,

Huma setta disparo, o tiro acerto;

A frente lhe praspaço, e drepente

No chão cahe o cruel; huma corrente

De negro sangue verte da ferida,

Perde a cor natural, exhala a vida:

Sendo esta acção sómente afortunada,

Que segura nos fez a retirada

Com reflexaõ prudente em fim sahimos

Para huma eminencia, da qual vimos,

Já quando Febo as luzes sepultava,

Que da Cidade o povo caminhava

Para ás náos em prizoês. Esta a certeza

Do infeliz pai de Alinda, e da Princeza:

Esta a sorte da mizera Cidade;

Ficando pela ruina, e mortandade,

Outra nova Heraclea, outra Cartago,

Mais que pela grandeza, pelo estrago.

Melr. Ah que em furias arder meu peito sinto!

Eu juro ao sacro Nume (oh labirinto!)

Antes que essa luzente Divindade;

De

- De seus raios sepulte a magestade,
 Que as insignias, que entao viste
 triunfantes,
 Arrastradas veras; e as arrogantes
 Viz cabeças de plumas adornadas,
 Divididas por mim, despedaçadas
 Voarão de seus corpos divididos,
 Em confusão, em prantos, e ge-
 midos;
 Conhecendo á custa dos seus dam-
 nos
 O valor dos Monarcas Indianos.
Mal. Com accões de valor teu pei-
 to inflamas.
Melr. Quizera nas que exhallo arden-
 tes chammas,
 Ser no marcio furor, belico ensaio,
 Pavoroso trovaõ, corisco, e raio.
 Nume piedoso, o teu poder ado-
 ro. *Adorando o Sol, que vem*
nascendo.
Mal. Altos Deozes, auxilio vos im-
 ploro.
Melr. Porque possa o valor.....
Mal. A furia, a ira....
Ambos Livrar Restomocan, e Read-
 mira.
Salve Astiag, com Soldados.
Bstiaç. Os Europeos, Senhor, sahem
 agora
 Da Cidade; não vez?
*Apointando para a committiva Portu-
 guezã, que vem ao longe*
apparecendo.
Mal. E sem demora
 Aquí virão; pois creio divizaraõ
 Meu exercito já; e se preparaõ
 Para a batalha. Dize: o que adiante
 Taõ destemido vem, e taõ bri-
 lhante,
 Sabes quem seja?
Mal. Sei, he Dom Diogo.
Melr. Seu semblante scintila heroico
 fogo. *Observando.*
- Mal.* Portuguez he valente; e mais
 guerreiro,
 Que D. Affonso, Capitaõ primeiro.
Melr. Ricas armas o adornaõ.
Mal. Atravessando
 O bosque vem.
Melr. Attende ao que te mando;
Mal. Determina Senhor,
Melr. Antes que ostente
 O meu valor, intento destramente
 De hum arteficio uzar. Tu conhe-
 cido
 Poderás delle ser; e escondido
 Será melhor que observes este en-
 gano.
Mal. Eu te obedeco. Nume sobe-
 rano,
 O teu poder invoco: em taes pe-
 zares,
 Hum triste coraçãõ não desempar-
 res! *Vai-se.*
Salve D. Diogo com Soldados.
Melr. Olá? Es Europêo? Pois não
 intentes
 Adiante passar.
D. Diog. Essas ardentes,
 Soberbas expreçoens, e o louco
 empenho,
 Quem quer que es, modêra.
Melr. O mesmo venho
 A dizer eu tambem *Encaminhan-*
do-se para D. Diogo.
D. Diog. Suspende o passo,
 Pois a mesma pergunta assim te faço:
 Aonde fundas pois tua esperança;
 Dize o queres já?
Melr. Quero a vingança
 Dos citragos de Goa; mas pri-
 meiro
 Livrar quero do triste captivo
 Os da minha nação.
D. Diog. O pensamento,
 Indiano, suspende, ao mesmo
 vento

Alimentar não queiras com jaquetas;

Adverte pois que ás tuas arrogancias

De outro modo resposta dar puderá;

Mas a que do valor aqui se espera,
He esta que verás. Os teus Soldados

Anima já; em campo preparados
Contra os meus os dispoem, e te defende,

Que eu nada me detenho. *Partindo.*

Melr. Espera, attende.

A D. Affonso diz, que presente,

(Principie o engano destramente)
A parte.

Tem hum Embaixador do Soberrano

Rei de Baticálá, que do Indiano
Emisterio he terror; e que attendido

Da proposta que tras quer ser ouvido.
D. Diogo quer partir.

Mas tu sem dizer nada assim te auzentas?

D. Diog. Que semblante feroz! Que iras violentas! *A parte.*

Melr. Não reparas quem sou?

D. Diog. Es inimigo,
Es Gentio, eu Christão, não mais te digo. *Vai-se com os seus Soldados.*

Melr. Que arrogancia! Que orgulho!
Ah senão fora

Do meu valor ultrage, sem demora

Lhe cortara a cabeça; mas (fortuna)

Occasiao buscarei mais opportuna.
Astiage?

Astias. Senhor!

Mec. Tu que estiveste

Por tanto tempo em Goa, não foubeste

De algum caminho, emfim que facilite

A entrada, porque a furia não limite?

Astias. Mas, Principe, que intentas?

Mec. Disfarçado

Com industria, e valor nunca imitado,

Livar Restomocan: eu bem puderá,

Se com forças os muros commetterá,

Alcançando completa huma victoria,

Unir novos troféos á minha gloria;

Mas receio, ai de mim, que a amada espoza,

Por pena mais cruel, e rigorosa,

Com o mizero pai, dos vencedores
A ser victimas cheguem: seus furores

Os podem reduzir á extrema sorte,
De lhe dar em vingança a cruel

morte.

Astias. Não tens que recear, de mim confia:

Sei de hum caminho occulto, que sabia

Junto ao muro, que o rio tem banhado,

Por elle, eu te protesto ser vingado.

Eu só por te servir, todo o perigo

Desprezarei, levando só comigo
O valor; e vestido em outro tra-

ge,
Detremino saber em qual ultrage

Restomocan está; verei se posso

(Por

(Por lhe dar a saber o intento n'osso)

Em segredo falar-lhe, e se a fortuna

Ocasiaõ me der mais oportuna,
Pelo mesmo lugar, quando pre-
sista,

O posso conduzir á tua vista.

Melr. Não, valente Astiage, eu só
pertendo,

Pelo bem, que da industria estou
prevendo,

Alcançar dessa empreza toda a gloria,
Que muito mais a estimo, que a
victoria.

Tu em tanto, o caracter decorozo
De Embaixador terás, por mage-
rozo.

Leva a Goa seis cofres, e elefantes,
De tellas mais preziozas, e bri-
lhantes:

Dirás a D. Affonço, que lhe of-
fereço

Essa riqueza toda; e que por preço,
Trez vidas só quero; e que se logo
Me não dá quantô peço, a fer-
ro, e fogo,

A Goa assolarei, sem que os indícios

Possão ficar de tantos edificios.

Se vires, ai de mim, a Readmira,
Por quem meu coraçãõ tanto sus-
pira,

Se poderes falar-lhe, os seus suc-
ceços

Inquire bem, e conta os meus ex-
ceços:

Dize-lhe, oh dor! Sim, dize o
que dicera

Hum triste coraçãõ, que alivio es-
pera.

Astiag. Basta, Senhor, eu sei quan-
to pertendes

Dizer nesses suspiros. *Vai-se.*

Melr. Bem me entendes,

Vai; e queira o benigno Astro
brilhante

A gloria completar de hum peito
amante.

Tu brilhante Planeta, que me in-
spiras,

Em meu peito renova as minhas iras;
E cubrindo de sombra o infausto dia

Em novo resplendor, nova alegria,
Faze felices os tristes Indianos

Que tanto mal padecem tantos dam-
nos. *Vai-se com os Soldados.*

ACTO SEGUNDO.

SCENA. I.

*Vista de falla, com cadeira magnifica, e assentos raxos; com portico que
figure a entrada do Palacio; e junto ás columnas sahida
subterranea &c.*

*Sahe Restomocan, e Readmira, subjugados de cadêas, sequito de Indianos,
D. Ayres conduzindo-os.*

D. Ay. **R** Estomocan, Readmira,
vamos

Para esta falla egregia, onde es-
peramos

D. Affonço, que assim o deter-
mina.

Os que lamentaõ com vósco igual
ruina,

Espe-

Esperem com os outros prizonciros.

Rest. A esperalo sejam os primeiros.

Oh desgraçado pai! *Olhando com ternura para Readmira.*

Read. Triste Princeza!

D. Ayr. Sua forte infeliz cauza tristeza

Ao coração mais duro, e mais ferino! *A parte.*

Rest. Quanto me custa, oh filha, o teu destino! *Abraçandoa.*

Read. Ah meu amado pai, effás discretas

Expressões são, Senhor, agudas feitas,

Que conseguindo em tudo a illustre palma

Me ferem o coração, traspação a alma:

Soçegalo, Senhor, não he possível; Elle se vê de hum forte horror sensível

Affombrado: ainda tenho no sentido, A furia, o medo, o estrepito, o alarido;

Ainda luta na minha fantazia, A imagem mais funesta desse dia,

Ainda julgo que vejo as bellicozas Esquadras já entrando valorozas

Pelas portas da misera Cidade, Sem perdoarem a sexo, nem a idade.

Ah Senhor, ainda vejo as minhas damas,

Entregues humas ás vorazes chammas, Outras, mais infelices, maniatadas

Dos crueis vencedores ser levadas A's inimigas náos: inda me parece....

(Porém aqui o alento desfalece) Que vejo a amada irmãa.... (oh

dor terrivel

Não me mates cruel, por infofriyel!)

De meus braços... (Não sei como o profira!)

Auzentar-se, e dizerme: Readmira, Chega o dia da nossa infeliz sorte,

Hoje o viver, he mais tiranna morte. *Chorando.*

Rest. Basta, filha, não pode o humano peito,

Tolerar dessa dor o grande effeito. Não magoes oh filha desgraçada,

Meu coração, em lagrimas banhada

Tua forte lamentas; mas adverte, Que ainda espero nos Deozes, que heide verte-

Em estado feliz; sim, a piedade Do nosso vencedor, mo presuade.

Read. Eu ainda o não vi: o horrorozo

Conflito mo impedio.

Rest. He magestozo

O seu semblante; e nelle se deviza Hum dom tão singular, que suaviza

Com a graça, prudencia e gravidade,

Da nossa desventura a adversidade.

Read. Elle á sua presença conduzida Manda que eu seja?

Rest. Sim, filha querida:

Nada temas, o animo socega, Aos sacros Numes tua sorte entrega. Hoje o fado nos tem da vida incertos

Nestas prizoés, e á manhã libertos

Poderemos estar. Será sciente

O Principe Idalcao mui brevemente,

Da ruina da misera Cidade,

De quem elle he Senhor, saltar não hade

A's leis de amigo; e ás razões de amante,

Melrao, que em seus projectos he
constante,

De Buitacá o Principe famboz,
Que esperavas á muito para espoz.
A roda da fortuna he variavel;
Toda a sua firmeza he ser mudavel.
Esta ponderação, esta certeza,
Nas cícolas da sabia natureza,
Ha muito que aprendi; o que só
resta

He fazer todo o esforço, porque
nesta

Primeira vista sejaõ com decencia,
Nossas acções alunas da pruden-
cia:

Esta he quem nas emprezas arrif-
cadas

Vence mais, do que as setas dis-
paradas:

Ella pode com mais feliz effeito,
Conciliar amor, graça, e respeito.
Entre os npsos fataes conquistado-
res,

Deves considerar, que os vencedo-
res,

Nada soffrem de orgulho. O nos-
so estado,

Já não he o que foi; lá sepultado
Nas ruinas ficou. Humildemente
Te prostra aos pés do vencedor,
clemente

Comtigo elle será; a cruel será,
Que terror das montanhas antes
era,

O arteficio a doma: o teu decóro,
Seja sempre o teu norte; isto te
imploro;

E confia no Ceo claro, e benigno,
Que propicio será ao teu destino;
Pois sobre as aras dos ligeiros ven-
tos

Dos infortunios giraõ os movimen-
tos.

Read. Para desempenhar vosso precei-
to

Nobres impulsos moverão meu pei-
to.

Rest. Oh quanto me consola, e me
suaviza

Esta resignação, que se deviza
Nas tuas expreções; porém a morte
Da amada filha, afflige de tal sorte
O coração... *Enternecido.*

Read. Senhor, já da constancia
Vos esqueceis?

Rest. Já falta a tolerancia;
Que facil he aconselhar prudente
Aquelle coração que dor não sente!
Elle resiste, e conservar deleja
A constancia maior; elle forceja
Por disfarçar a dor, toster o pranto.
Mas o intenso da magoa pode tanto,
Que saltando o vigor, e a fortaleza,
Cêde a constancia, e vence a natu-
reza.

Read. Já, Senhor, para aqui vem
conduzidos

Os mizeros patricios.

Best. Os sentidos
Perturbados estaõ; valor não tenho;
Para os ver, desfaleço... *afflicto.*

Read. Neste empenho
A constancia vos lembro.

Rest. E eu a espero;
Mas em tanto rigor, em mal tão
fero *Fica muito pensativo, e se
emcoffa.*

Como pode a caduca, e traca idade,
Vencer tanto pezar, tanta crueldade!

Salve D. Ayres, com Alinda, e mais
prizioneiros.

D. Arr. Amada prizioneira, nesta falla
O vencedor espera. (Ah, de adorala
Não deixarei: a rara formozura,
Sua grandeza inculca) *A parte, e
vai-se.*

Alind. Que loucura
He esta Capitaõ? Melhor seria
Emmudecer.

D. Affonso de Albuquerque em Goa.

II

As duas! Que vejo! que alegria! Olhando hum para outra admiradas.

Read. Pai, e Senhor, observa. Despertando o pai.

Alid. Será sonho!

A Readmira vejo, ou me suppenho Delirante?

Read. Porém nada mais resta.

As duas. Ah minha amada irmã, que gloria he esta? *Abraço se.*

Rest. Que vejo oh Ceos! A filha amada,

Que por morta julguei! A desejada Consolação dos meus cansados annos! *Quer abraçar a filha, e a tempo que vai correndo cahe.*

Vem a meus braços, vem; fados tirannos!

As duas. Que foi isto Senhor? *Levantão-no.*

Rest. A gloria immensa

Que hoje o Ceo me quer dar, em recompensa

Da passada afflicção no fraco peito Entrando de repente, o mesmo effeito

Produzio da cruel, e amarga pena, Nesta encontrada, triste, e dura scena;

Pois se he cauza o pezar da morte impia,

Tambem chega a matar hum a alegria. *Abraça-a.*

Como, diz, da furia te livraste, E de tantas ruinas escapaste?

Alid. Eu to expreço, Senhor: na fatal hora

Em que a sorte inimiga, e roubadora,

De entre os braços da cara irmãa querida,

Trespassada da dor, quasi sem vida, Por força me arrancou; desse alto muro,

Quasi pendente, ainda mal seguro, Com ellas companheiras miseraveis, Da fortuna ludibrios deploraveis, Nos lançamos, buscando a sepultura No liquido elemento. (ch sorte dura!)

Os Soldados que o muro rodeavaõ, Nos prenderaõ a todas, e intentavaõ

Conhecer quem eu era; cautelozza De receios cercada, e temeroza,

Meu nome lhe encobri, meu nascimento,

Frustrando dos crueis o vaõ intento; Sem declarar quem sou, na fortaleza,

Ateagera, Senhor, captiva, e preza Tenho estado, e por fim dispõs a

sorte,

Que viesse a buscar, creio que a morte.

Rest. Para sorte melhor estás guardada;

Não es, como tu julgas, desgraçada. Tu seguirás a lei do teu destino.

O nosso vencedor he mui benigno; Suas raras virtudes bem igualaõ

Com os Deozes, e nelle os Deozes falaõ:

He tudo o que dispoem rara influencia

Do mesmo Ceo; em fim toda a sciencia,

Que nos outros se encontra dividida,

Nelle se vê completa, e rezumida; O seu grave semblante, e nobre aspecto,

Concilia temor, respeito, e affecto. Nada temas, o animo locega;

Fala-lhe humilde, e vê.... mas elle chega.

Sahe D. Affonso, D. Diogo, e a- companhamento.

D. Aff. He de Baticala esta embaxada? B ii D.

D. Diog. Sim, Ilustre Senhor, e br-
denada

A condução, da sorte que mandaste,
Se executarão tuas ordens.

D. Aff. Baste:

Seja attendido, e saiba-se o inten-
to *Vai-se D. Diogo.*

A que vem; e sabido o pensamento
Que o conduz arrogante, sem de-
mora,

Verão os Gêtios viz desde esta hora,
Que a pezar dos combates e dos
damnos,

São benignos os peitos Luzitanos.

D. Ayres esses são os prizioneiros
Que estou vendo?

De Ayr. Senhor, são os primeiros
Entre todos os outros na nobreza;
Prezos ficam os mais na fortaleza.

(Ai, Alinda formoza; no que vejo,
Cada vez mais se augmenta o meu
dezejo!) *A parte.*

D. Aff. Portuguezes, Soldados valo-
reozos,

Que desde o Artico Pólo desejozos
De servires ao Ceo, a patria amada,
Desde o Tejo brandido a ardente es-
pada,

Não temendo as tromenta do Occa-
no,

O Indico emisferio, o mais tiranno,
E violento poder da Maura gente,
Vieste fugear: o Ceo clemente,
O premio vos segura da alta gloria,
Que assim vos deu por meio da vi-
tória.

Esta ha de ser o illustre fundamento
De hum novo estado: em fim este
o assento

Da Luza Monarquia, na fulgente,
Famoza região do claro Oriente.

Os premios desses triunfos, que
obtivemos,

São os tristes captivos que alli ve-
mos.

Hoje he o dia primeiro, que tiverão
A dita de eu os ver, e merecerão
Os indultos de terem liberdade,

Que lhes permite a minha alta pie-
dade: *Tirão as cadêas a todos.*

Os grilhões com que vêm mania-
tados,

Promptamente lhes tirem: empre-
gados

Os homens ficarão na ardua em-
preza

Do trabalho da nova fortaleza;
E servindo fiéis, quero tratalos,

Como captivos não, como vassalos,
Que já são do meu Rei; sua bon-
dade,

E animo real, outrogar hade
O que tenho ordenado.

Resp. Ah, já não posso,
Conterme, Gram Senhor, a esse
vosso

Coração igualar pode sómente

O Nume singular, e reverente,
Que o Idollan adora; assim permite,

Que prostrado a teus pés.... *Ajoe-
lhando, e D. Affonso o não con-
sente.*

D. Aff. Não admitte

D. Affonso este obsequio: a hu-
mildade

Não a quer desprezar minha piedade;
Os braços te concedo. Es certamente
Restomacan?

Resp. Eu sou, o que contente
Estou, quando o poder da India
humilhas.

Estas, que vez aqui são minhas filhas.

As duas. Piedozo heroe.... *Ajoe-
lhão chorando, e D. Affonso as
levanta.*

D. Aff. Que he isto? suspendei!

Read. He cumprir, grande heroe,
com a justa lei,

Que hoje a fortuna quiz pôr aos
vencidos. *D.*

D. Aff. Não-me cauza prazer ver abatidos

Os miseraveis, não; esta victoria,
Ha de ser para vós de maior gloria.
Se promettes de ser fiel no trato, *A Restomocan.*

Nem maquinar traições, nem ser ingrato;

Eu tambem te prometto, que te vejas,

Em estado maior, que o que o dezas.

Rest. Eu ingrato, Senhor! os supriores
Astros sejañ sêis abonadores

Deste meu juramenro. *Quer jurar na espada de D. Affonso, e elle o não consente.*

D. Aff. Olá, detende.

Rest. Porque Senhor, teu braço me suspende?

D. Aff. A palavra me basta?

Pest. Oh que portento!

D. Aff. Quem falta a ella, falta ao juramento.

Read. Que sabio! *A parte.*

D. Ayr. Que prudencia *A parte.*

Alind. Que virtude *A parte.*

Rest. Maior gloria do que esta achar não pude. *A parte.*

D. Aff. Restomocan, descança do cuidado;

Este mesmo Palacio destinado

A tuas filhas seja; aqui sómente

Ficaráo: e tu manda deligenre

Se retirem os outros prizioneiros.

Nós não somos crueis, não carnicieiros;

Teus patricios da gente Portugueza

Assistidos ferao, e com grandeza;

E em quanto o meu dilvello todo emprego,

Para pôr esta Ilha no socego

Que he devido, nem Mouro, nem

Gentio,

Possa entrar aqui dentro: em ti confio

A boa execucao; e do meu lado,
Te não quero já mais ver separado.

D. Ayr. Com D. Diogo o Embaixador se apressa.

D. Aff. Attenda-se ao que diz: vejamos nella

Embaixada, o que quer o Mouro infano,

Que a ruina não vá no alheio damno. *Senta-se, e os mais Portuguezes.*

Ao tom da marcha, sahe grande sequito de Indios, com cofres, outros com elefantes, cubertos de pannos ricos; estes ficao fóra do Atrio, e entrao na scena Astiage, conduzido por D. Diogo &c.

D. Aff. Toma assento, e prosegue, que eu te ayendo. *Senta-se Astiage.*

Rest. Astiage parece que estou vendo. *A parte.*

Ast. Restomocan, e as filhas, já devizo

Porém dar a embaixada me he precizo.

Illustre General, e gloriozo

Capitaõ mór, do alto, e poderoso

Rei da Luza, e brilhante Monarquia;

Meu Principe, ati, Senhor, me envia,

Por saber o destroço lamentavel,

Com que o povo de Goa miseravel,

A furia conquistou dos teus guerreiros;

E por saber tambem, que prizioneiros

Restomocan, e as suas charas filhas,

Entre os outros estaõ, das maravilhas,

Que de ti conta a fama, aconselhado,

Estas coizas te pede; n'osso estado,
Como proprio conserva; e toda a
gente

A's tuas leis se prostra obediente.
Ouro, perolas, pedras preciosas,
Elefantes, riquezas numerosas,
Tudo o mais precioso, que se en-
cerra

Ou no centro do mar, ou no da
terra

Te offerece liberal, só por tres
vidas,

Que em teu poder estão: se pre-
mettidas

Estas prendas lhe são, se lhe en-
tregares

Restomocan, e as filhas, os pe-
zares,

Os disvelllos, os odios, certamente
Se acabaraõ, Senhor, e de repente.

Em doce paz o seu furor mudado,
Teu amigo será, teu aliado;

Porém se assim não for, promette
logo,

Que destruindo venha a ferro, e
fogo....

D. Aff. Suspende essa expressão van-
glorioza,

E por agora dos indultos goza
De Embaixador: os grandes do-
nativos,

Que me offerta o teu Rei pelos
captivos,

Levar podes: a gloria Portugueza,
Não se esmalta com joias, nem ri-
queza,

Sim com sangue, que em rios se
dimana,

Da aborrecida gente mauritana.
O teu Principe aprenda em mui-
tos annos,

Como deve tratar aos Lusitanos.
Aff. Elle tambem me ordena, que te
expresse

Qual he o seu poder; e que lá desse
Centro da Azia, os Monarcas po-
derozos

Se ligaraõ com elle.

D. Aff. Os orgulhozos

Ameaços suspende: mais não quero

Tuas yozes ouvir: ainda hoje es-
pero

Esse orgulho abater. Tu vem comi-
go. *A Restomocan, e quer hir-se.*

Rest. Obediente, Senhor, teus pas-
sos sigo.

Aff. Senhor, attende que....

D. Aff. Está concluido

O tempo da embaixada; hoje ins-
truido

Vás de como procedem os Lusi-
tanos. *Vai-se com Restomocan,*

e acompanhamento

Aff. Entre os Principes da Azia So-
beranos,

Outro igual não se acha; o seu
respeito

Temor infunde ao mais heroico
peito.

Read. O' Principe, Astiage....

Alid. O' meu querido

Maliqui Agri....

Aff. Direi: tinha partido *A Readmira.*

Melraõ, Senhora, a celebrar a-
mante

As vossas nupcias, mas no mesmo
instante

Em que chegou, de alguns acom-
panhado,

Lhe foi todo o successo declarado.
Maliqui Agri, isento da ruina,

A Alinda.

Tambem ficou, oh Ceos, da oc-
ulta mina,

As quizera avizar; porém prezen-
tes:

Estão os Capitaens.

A parte.

D. Dig. Não mais intentes

De.

Demorarte.

Read. A Melrão, dize, que firme,
(Ainda que entre prizoês a prele-
guirme

A desgraça se empenhe) vivo a-
mante.

Alind. A Maliqui dirás, que fou
constante.

Ast. Vou dizer-lhe, o que agora não
me atrevo

Explicarvos; pois parto como de-
vo. *Vão-se, e ficam as damas.*

Alind. Chára irmãa, da contraria for-
te, ainda

Mais afflicta seremos!

Read. Ai Alinda!

Quem diria, que quando se che-
gava

Aquelle feliz dia, em que esperava
O meu espozto ver, o cruel fado,
O poze-se de mim mais separa-
do? *Chora.*

Alind. Oh que pena cruel!

Read. O seu semblante,

Representado tenho a todo o inf-
tante.

Alind. Ah, deixemos lembrança tão
funesta:

Obedecer prudentes só nos resta.

Read. Ah, que será de nós? iniquo
fado!

Alind. De pezar tenho o peito pene-
trado.

Read. Vamos irmãa, que os Numes
Soberanos,

Compacivos serão, e não tirannos.
Dão as mãos.

Alind. Queira a sua suprema, e al-
ta clemencia....

Ambas. Nossa vida emparar, nossa
innocencia. *Vão-se.*

S C E N A II.

Vista como no principio.

*Sahz Astiage, Melrão, e 4. Solda-
dos Gentios.*

Melr. Astiage, que dizes? E são certas
As noticias que dás? Minhas of-
fertas

Recuzou o orgulhozo? Diz que
aprenda

Ao mandar embaixadas? Pois in-
tenda,

Que, a pezar desse esforço, a mi-
nha gloria

Se hade exaltar por meio da victo-
ria. *

A Readmira, meu bem, acazo vis-
te?

Podeste-lhe falar?

Ast. Afflicta, e triste

A vi, Senhor, e nesse breve ins-
tante,

Constrenada me disse, era constante:

Na falla da embaixada magestoza

Estava com Alinda, a numeroza,

Committiva de gente Portugueza,

E Canarins tambem.

Melr. Ah, que esta empreza

Me aconselha, Astiage, com que
logo

Não vá a destruir a ferro, e fogo,

Esse objecto da minha furia ar-
dente.

Aviza aos meus Soldados; promp-
tamente

Se disponha a vingança; mas que
indigna *Pensativo.*

Acção do meu amor! Esta ruina

Incentivo será, mizera sorte!

De abreviar a Readmira a morte.

Sim, eu temo, que os barbaros
tirannos,

Per-

Pertendendo escapar dos crueis
damnos,

Que vingança lhes traça, ás náos
se entreguem,

E fugitivos a Cochim naveguem,
Levando, oh dor! em sua com-
panhia,

Aquella mesma que eu livrar que-
ria.

Ast. Que resolves, Senhor?

Melr. Oh cruel fado!

Ast. Deixaste já de todo examinado
O caminho que eu vi?

Melr. Essa incumbencia

Maliqui Agrii tomou, oh que im-
paciencia!

Sahe Maliqui, e 4 Soldados.

Mal. A fortuna benigna favorece
Nossa idéa, Senhor, a entrada desse
Incognito caminho ás oportu-
nas

Expedições desce; entre as co-
lumnas

Desse antigo Palacio tem a entra-
da;

Vai sahir ao Palmar, por huma es-
trada

Do Palacio Sabay nós disfarçados
Poderemos entrar, que descuidados

Desse facto (segundo Senhor creio)
Não poderão formar de nós re-
ceio.

Das sombras da alta noite prote-
gidos,

Poderemos entrar sem ser senti-
dos.

Melr. Sim, Maliqui, disponha-se es-
ta empreza;

Tambem a industria he grande for-
taleza,

Restomocan se livre, e a chara es-
poza:

Do valor he tambem acção honroza,

Enganar de algum modo o inimi-
go;

Só por livrar a dama de hum pe-
rigo. *Quer hir-se, e pára.*

Ah, que sinto huns impulsos no
meu peito...

Mal. De que, Senhor?

Melr. De que não tenha effeito
Esta empreza.

Ast. Vai, que na verdade,

Tu não podes achar difficuldade.

O vencedor mandou, que do seu
Paço

Não podessem sahir.

Mal. Elle no espaço

Dește tempo, com pompa, e gra-
vidade,

Foi discurrir os muros da Cidade.

O mais famoso Templo, despoja-
do

Do seu antigo adorno, e dedica-
do

Ao seu Deos mandou logo se or-
denasse,

E que toda a mais gente o acom-
panha-se:

Eu não sei ponderarte o quanto
via,

E nem dizerte a Real Soberania

Com que ao Templo marchava;
para velo,

Correm todos á pressa; e com des-
vello

O artifice alli se esquece da ar-
te,

Que exercitando está; da outra
parte

Com o tenro filho em amorozos
braços,

A carinhoza mái apressa os passos.

Entre vivas, e applauzos, e clame-
res,

Tudo quanto se escuta, são lou-
vores

Do grande Affonço. As guardas
valerosas,
Não se atrevem das gentes nume-
rozas
A sustentar o pezo ; o que pri-
meiro
A ver o chega , o busca derra-
deiro.
E estão pelos telhados , e janellas ,
Mossos ; e velhos , donas , e don-
zellas.
Melr. Maliqui Agri , a toda a pres-
fa vamos ,
A ver este prodigio , que escuta-
mos:
Queira o Ceo dar auxilio á cauza
justa.
Mal. O perigo da empreza não me
assusta ,
Porque a paixão de amor , a mais
terrivel ,
Tudo licito vê , nada impossivel.
Melr. Se desta sorte , a gloria não
logramos
Das espozas livrar , como espera-
mos ,
Desta engenhoeza astucia protegidos ,

(Oh que violenta dor!) desvan-
cidos
Ficarão meus intentos. Nossa gente,
Assiage commande.
Ass. Obediente
Serei sempre , Senhor.
Melr. A ira Indiana ,
Qual leão feroz , ou tigre hircana ,
Nas florestas da Armenia , furioza ,
Vendo roubar-lhe o filho a cavi-
loza
Mão do destro pastor , as selvas ,
vaga ,
E quanto encontra , dilacera , e
estriaga.
Tu , oh Nume piedoso , que me
ordenas
Hum exito feliz a tantas penas ,
Ampara o meu valer.
Mal. O meu receio
Suaviza benigno.
Ass. Eu julgo
Melr. Eu creio
Que sómente essa luz , formosa , e
pura . . .
Todos. O norte pode ser de huma
ventura. *Vai-se.*

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

Salla com sahida subterranea , e duas cadeiras.

Sahe D. Diogo , Readmira , Alinda , e D. Ayres.

D. Diog. **A** H , não choreis , for-
mozas Indianas ,
Não julgueis que entre feras in-
humanas ,
Ambiciozas só de darvos morte ,
Vos trouxe o fado , e conduzio a
forte.
Se salta vosso pai á vossa vista ,

Virá logo ; e sabe , que esta con-
quista
Foi para vós a mais feliz victo-
ria.
Alind. Conservarei impresso na me-
moria
Tão soberano indulto.
Read. Em quanto a vida
C

Per-

Permanecer, ferei agradecida.

*Sahe Melrão, e Maliqui, por de
traz das columnas, e ficão es-
condidos observando.*

Melr. Vem Maliqui, que o amor,
e a fortuna

Nos mostra occasião muito oportuna.

Mas Ceos! Que vejo? Aos feros
vencedores,

Elogião, Maliqui.

Mal. Estes louvores

Muito bem gratificaõ meus extre-
mos,

E os teus

Melr. Que farei?

Mal. Desimulemos.

D. Diog. Quizera o Ceo, formozas
Indianas,

Que das remotas praias Luzitanas,

No cruel captivo disfarçado,

Viesse o vosso bem tão desejado,

Que alegre D. Affonso ficaria,

Se abjurasse a tope idolatria?

Read. Por agora, Senhor, nada mais
quero,

Do que ver a meu pai; e delle
espero

Seus dictames seguir.

Alind. Nesses extremos,

Como filhas tambem o seguiremos.

Melr. Ah perjuras! oh Deozes vin-
gadores!

Tanto adoraõ as crutis aos vence-
dores,

E estaõ do feu amor já tão ren-
didas,

Que até da lei já vivem esqueci-
das! *A parte*

D. Diog. Oh peregrina flor do cla-
ro Oriente, *Para Readmira.*

Junto ao Ganges nascida! O Ceo
clemente

Transplantarte permita no aprazivel

Jardim da Igreja. Ah, sim, com
gosto incrível,

Passarias entãõ, sem mais respeito

A viver immortal dentro em meu
peito. *Vai-se.*

Read. Idolatrada Alinda, irmãa que-
rida,

Já em parte a fortuna está vencida;

O nosso vencedor he muy piedoso,

E liberal. Mas ah querido espoz!

Senta-se, e chora.

Melr. A falar-lhe me apresso. *Quer
sahir.*

Mal. Ainda presente

O Capitaõ está, e a sua gente.

Detendo-o.

Read. Quem te podera ver? quando
a memoria,

Me representa aquella antiga glo-
ria,

Se aviva a confusão ao meu tro-
mento;

Cresce a dor, falta a luz, espira
o alento. *Adormece.*

Alind. A cruel, e fatal melancolia,
Os espiritos prende, o sangue es-
fria, *Senta-se adormece.*

As forças amortece, e já rendidos,
Faz a sombra da morte os meus

sentidos.

Melr. Auzentaraõ-se já; sahir pode-
mos.

Mal. Ditozos faça o Ceo nossos ex-
tremos.

Idolatrada Alinda....

Melr. Ah, Readmira....

Ambos. Por quem meu coração tan-
to suspira!

Desperta.

As duas. Oh Ceos! Que vejo! Ama-
do espoz! *Levanta-se nos bra-
cos delles.*

Read. Como podeste entrar, se o nu-
merozo

Esquadrao da milicia Portugueza

Defendidas nos tem?

Mal. Minha firmeza,

Tudo pode vencer.

Melr. Só resta agora

Ausentar-vos daqui; toda a demo-
ra Os dois pegão nos braços ás
damas, querendo levalas.

Nociva nos será.

Read. Duro tromento!

Sem ordem de meu pai eu não me
auzento.

Melr. Elle tambem dos feros ini-
migos

Virá a ser liberto.

Read. Mas os perigos

Em que o deixou, nas mãos dos
vencedores

Que indignados da fuga, e vinga-
dores,

Em sua já cançada, e debil vida;
Tomarao a vingança, me intemida.

Mal. Vem Alinda; não queiras que
eu mais pene.

Alind. Com tanto, que meu pai af-
sim o ordene,

Prompta estou; porém de outra sorte

O golpe soffrerei da dura morte,

Antes que falte ao paternal pre-
ceito.

Mal. Ah! que acertado foi o meu
conceito.

Não he o amor do pai, o que te
prende;

Outro amor, falsa Alinda, te sus-
pende.

Alind. Outro amor!

Mal. Certamente, os Lusitanos,

Podêrao em poucos dias, muitos
annos

De finezas vencer.

Melr. Assim o creio.

Read. Se he verdade o que diz....

Melr. Já sem recio

Fala ingrata, não temas: emmu-
decas?

Como he certo, que a culpa re-
conheces.

Read. Culpa! Oh Ceos! Em que
julgas ser culpada?

Melr. Em não querer seguir-me.

Read. Se empenhada

Avida de meu pai deixo na au-
zencia,

Como te heide seguir?

As duas. Oh, que violencia! For-
cejando para se tirarem dos bra-
ços dos dois, e as largaõ.

Os dois. Que ingratião!

Melr. Ah, sim, já reconheço

Qual he o vosso intento; eu não
me esqueço

Daquellas expreções tão amorozas,
Com que á patria, e ao Ceo in-
juriozas

Vos fizestes.

Mal. Nós ambos vos ouvimos,

Naquelle mesmo instante em que
fahimos.

A. duas. Oh tromento cruel! oh dor
impia!

Tu não viste banhar-se de alegria;

Meu coração na tua vista amavel!

Melr. Muito bem devizamos; e he
provavel,

Que esse mesmo prazer foi todo
engano:

Foi gloria, sim, de veres que á
hum tiranno

Cativeiro fogeitos ficariao,

Os que delle tirar-vos pertendiaõ.

Read. Esse Nume, que adoro, vin-
gativo

Comigo seja, se obrigada vivo

De outro amor; que mais provas
heide darte!

Melr. Senão tens outro amor, comi-
go parts

Pega nella.

E tu, Maliqui, a tua espoza gula.

Alind. Nada pode vencer vossa porfia. *Naõ deixa segurar-se.*

Tal. Mas a constante fê com que te adoro,

Quem a pode vencer?

Alind. O meu decôro

Melr. Pois cruel, já que morto me dezejas,

Este lugar espero que hoje vejas,
Pelas mãos desses perfidos, que adoras,

Em meu sangue banhado; mais demoras

Naõ soffre o meu furor; vive homicida;

Que eu, sou o proprio algoz da minha vida. *Tira hum punhal, para matar-se, e todos correm a livralo, ficando o punhal na mão de Readmira.*

Read. Ah! suspende, Senhor, Príncipe amado! *Tira lhe o punhal, e o deita fóra.*

Alind.) Oh tiranno rigor!

Mal.) Oh duro fado!

Tu do golpe me tiras o instrumento;

Readmira, já sei o teu intento:

Tu só queres, cruel, e vingadora,
Ser da mortal ferida executora.

Cumpre dêsse que adoras o'preceito;

Aqui estou a teus pés, fereme o peito. *Ajoelha.*

Dentro) Rumor se ouve dentro de-
D. Diog.) tas fallas;

Alguna traição ha; examinalas
He preciso.

Melr. Que vozes são aquellas? *Levanta-se.*

Mal. Segundo o que escutei, das sentinellas

Já presentidos somos, que faremos?

Melr. Sem receio, constantes morreremos.

Read. Ah caro espozo!

Alind. Oh, Ceos, que infausa sorte!

Os dois. Ao mesmo General parro a dar morte. *Tiraõ os alfanges, e querem partir.*

As duas. Ah que fazes! *Detendo-os, e Readmira fica com o alfange de Melráo.*

Mal. Te assustas?

Melr. Ah tiranna!

A tua falsidade, não me engana.

Dentro) Vinde, cercai a fallas,
D. Diog.) meus Soldados.

Mal. De inimigos, Senhor, somos cercados

As duas. Foge, Príncipe.

Mal. As vidas rezervemos

Para empresa maior.

Melr. Sim, não devemos

Expôr a huma vaa temeridade;

O credito maior da heroicidade.

Vaõ-se por de traz das columnas.

As duas. Benigno Ceo, livraios do perigo,

A que expostos estaõ.

Salte D. Affonso, e Soldados com cadêas.

D. Aff. O inimigo

Gente escondida tem; mas Readmira

Aqui só com a irmãa! Não sei que infira.

Read. Que confusão me cauza o seu aspecto. *A parte.*

D. Aff. O Palacio com vozes inquieto!

Revestidas de assombros, e temores

Estas damas! He certo, que traidores

Este Palacio encerra. Ah, não te auzentes; *Readmira quer hir-se.*

Manifesta a verdade; nada intentes

Occultar do que sabes,

Alind,

Alind. Que apertado

Lançê he este!

A parte.

Read. Senhor....

D. Aff. Vejo turbado

O teu semblante. Dize onde hias?

Que temor he o teu? de quem fugias?

Read. Senhor... Eu... O respeito...

A minha forte... *Perturba-se.*

D. Aff. Eu escutei aqui da minha morte

Sacrilega sentença; e neste enleio,

Ambas traidoras sois, assim o creio.

Alind. Nos traidoras!

Read. Senhor, ao patrio Gange,

Por testemunha tomo.

D. Aff. E esse alfange,

Me dá a conhecer toda a verdade,

Da vossa natural fidelidade.

Alind. Gelado o sangue sinto! *A parte.*

Read. Oh fero enleio! *A parte.*

D. Aff. Ambas traidoras sois, assim o creio.

Olá! Depressa aqui seja chamado

Restomocan! *Partem alguns Soldados.*

Read. Oh Ceos! que duro fado?

Alind. Humildemente a vossos pés prostrada....

Read. Humilhada supplifico... *Ajoelhaõ.*

D. Aff. De vós nada

Ouvir pertendo: a vosso pai compete *Levantão-se.*

O exame desta cauza; elle promete

Ser fiel: eu lhe dei a liberdade,

E por elle a vós todos. Da Cidade

Os presidios discorro acompanhando

Dos mais, e d'elle, a quem junto a meu lado

Levar determinei; que ainda rendido

Não deixa de ser nobre o que he vencido.

Agora as tristes vozes escutando,

Que da morte me estavaõ ameaçando,

Vos vejo ao mesmo tempo perturbadas!

Que heide suppor, senão que sois culpadas?

Que para reforçar vosso partido, Algum traidor aqui vive escondido.

Se a verdade dices, me condão

Da vossa condiçãõ, e vos perdo-o;

Mas se ingratas, na culpa renitentes

Quizeres persistir, verãõ as gentes,

Que sei ser c'os rendidos, tão piedoso,

Como contra os rebeldes, rigoroso. *Salte Restomocan entre Soldados.*

Mas já Restomocan chega. Frustradas

Vem ver tuas idéas tão louvadas:

Vem ver como fiel excuraste,

Aquella fé, que tanto me juraste:

Vem ser participante do castigo,

Que mereces tambem como inimigo.

Esta que vez he a justa recompensa

Do amparo que te dei? com esta offensa

Pagas meus beneficios? Eu o vejo;

Tu tambem podes ver; attende ao pejo,

Que, como escuro véo, cobre os semblantes

De tuas filhas; vê, vê palpitantes

Aquelles coraçõs. Minha piedade,

Te concede ainda agora a liberdade

De desculparre.

Rest.

Ref. Oh Numes Soberanos ! *Atonito.*

Ouve Senhor : se acazo alguns enganados ,

Contra mim fulminou a dura inveja ,

Sem que culpado o meu respeito seja ,

Vê que innocente sou. A mesma terra

Restomocan sepulte , se he que encerra

Em seu peito signal de falsidade.

Atende-me , Senhor , sim , por piedade. *Ajoelha.*

D. Aff. Dos malevolos são familiares As palavras que dizes. *Levanta-se.*

Read. Que pezares ! *A parte.*

Alind. Que afflicção ! *A parte.*

Ref. Mas Senhor , os meus cansados Bem que infelizes annos desgraçados , *Com afflicção.*

As lagrimas , que verto , da lealdade

Testemunhas não são : Minha verdade

Não rens examinada ? Que intentaveis ? *Para as filhas.*

Que delictos crueis , e abomina-
veis ,

Emtaõ breves instantes commetestes ?

Dizei filhas ingratas ? que fizestes ?

De vós me procedeu toda a ruina.

D. Aff. O seu mesmo silencio he que as crimina.

Alind. Innocente , Senhor , me con-
cidera.

Ref. Fero monstro , cruel , ingrata fêra. *Para Readmira.*

Read. Eu te expenho Senhor... lan-
çe torsozo ! *Quer falar , e se suspende.*

Ah ! se chego a falar , perde-se o
espozo ,

Que ainda occulto estará *A parte.*

Ref. Dize , são estes

Os paternaes conselhos , que aprendestes ?

Read. Charo pai , eu te digo o que succede.

Mas ai de mim ! Que forte dor me impede !

Dos pés me foge a terra : a luz do dia ,

Se converte , e se muda em som-
bra fria.

Por alivio da dor , a morte peço.

Justos Numes... Valeime... Eu desfaleço. *Cahe desmaiada.*

D. Aff. Que vejo , oh justos Ceos ?

Alind. Irmãa querida ? *Levantaõ-na , e Alinda a deixa nos braços do pai.*

Ref. De dor a minha filha amorte-
cida.

Alind. Não mais ; a cauza deste dam-
no ,

Foi de amor... Ai de mim ! Fa-
do tiranno !

E heide eu com injuria declarar-
me ? *A parte.*

Não sei a cauza , não ; manda ma-
tarme. *Ajoelha a D. Affonso.*

D. Aff. Que espectáculo triste se a-
prezenta

A meus olhos agora ! Que tromenta

De encontradas idéas o juizo

Incessantes combatem ! Eu devizo

Nas filhas , e no pai , virtude rara :

Eu sem duvida , em fim , lhe dis-
farçara

Este lance ; mas como esconder
hade

Huma evidencia tal minha pie-
dade ?

As vozes , que escutei , os instru-
mentos

Do cruel assassino, fundamentos
São bastantes : emfim, nada mais
quero *Levanta-se Alinda.*

De desculpa. Serás Juiz severo,
Restomocan, se a fé que me juraste
Ainda vive em teu peito ; esta só
baste

Para ser o fiscal deste delicto ;
Esta cauza te entrego ; eu te pre-
mitto

Que examines da culpa o delin-
quente ;

Teu caracter observa , e juntamente
Contra quem o furor se dirigia.

Vai-se, e os Soldados.

Rest. Ah ! Que ordenas , Senhor, oh
forte impia !

Ao meu juizo a cauza se commete ?
Pois ser fiel em tudo me compete.

Resoluto.

Degrada-me de pai , e quer que seja
Juiz , que sentencie ! O mundo veja
Que da sacra justiça a inteireza ,
Pode mais , que a paixão da natu-
reza.

Alind. Pai , e Senhor , attende.

Rest. Já lançada

A forte está ! velhice desgraçada !
Olá Soldados ? em prizoões metida,
O seu delicto pague com com a
vida. *Os Soldados prendem com
cadêas a Alinda.*

Read. Ai de mim !

Rest. A' si torna ! seja preza

Oh lustres Ceos , que horror da na-
tureza ! *Prendem Readmira sem
ella sentir.*

Vós , Numes Soberanos ,
Que auxiliais os peitos Indianos ,
Concedei-me valor. E vos , perju-
ras ,

Occasão das minhas desventuras ;
Tremei do meu rigor , que hoje
ser quero ,

Naõ carinhozo pai , Juiz severo.
Vai-se.

Alind. O pai nos desempara ! Aonde
híremos *Chorando.*

Solicitar favor , Deozes supremos !

Read. Pai . . . Irmãa . . . Mas que ve-
jo ! se auzentaraõ ,

E nos braços correntes me, deixa-
raõ ! *Chora.*

Alind. Aqui estou , Readmira.

Read. Irmãa querida ,

Alind. Que pertendes.

Read. Dispoz da minha vida

Alguma couza o vencedor ?

Alind. Soccega.

A nosso pai o ser Juiz entrega
Da suspeita traição !

Read. Tu da verdade

Naõ soubeste informalo ? Que im-
piedade !

Alind. E querias do espozo ver a morte
Taõ inhumanamente ?

Read. De que sorte ?

Alind. He sem duvida que elle ain-
da elcordido

Neste Palacio está ; se surprehido
Pelas guardas ficar , dize , tens
peito ,

Tens coração taõ duro , que no ef-
feito

De dar-lhe injusta morte a fera
gente ,

Ouvir-lhe no suspiro intercadente ,
Dizer entre os gemidos : fera , in-
grata ,

O teu pouco valor , he quem me
mara ?

Read. Naõ mais , querida irmãa , mor-
rer devemos.

Alind. Eternos faça a fama estes ex-
tremos.

Sahe D. Diogo , e D. Ayres.

D. Diog. Soldados , conduzi a Read-
mira ,

A* vista do seu pai. Não sei que D. Diog. He possível D. Ayres que iufira se atreva

Do novo proceder tão defuzado.

Alind. Oh tiranno rigor!

Read. Oh duro fado!

Alinda

Alind. Readmira

Ambas. Oh Ceos, constancia!

Alind. Paciencia) *Aconselhando huma*

Read. Valor) *a outra em segredo.*

Alind. Oh mortal ancia!

Read. Innocentes morremos ; sorte impia!

Alind. Não triunfe de nós a cobardia.

Read. Nossa cauza defendei, oh justos Ceos!

Ambas. Idolatrada irmãa, a Deos, a Deos. *Vai se Readmira entre Soldados.*

D. Ay. Tu tambem partir debes

Alind. Eu te sigo.

D. Diog. Mas attende primeiro ao que re digo.

Alind. Que me quereis, Senhor?

D. Dig. Quero expressarte,

Que, a pezar do rigor, posso livrate;
O General me attende.

Alind. Nada ignoro.

D. Ay. E não sabes tambem, quanto te adoro?

D. Diog. Não mais do que eu.

Sahe D. Affonço, e fica ao bastidor.

D. Aff. Daqui observar quero,
O que tratao entre si.

D. Diog. Eu te venero,

Sem que amor permedite a tua offensa.

E ainda, bella ingrata, ainda suspença

Minha offerta regeitas?

D. Ay. Dize, esquiva,

Não reflectes, emfim, que de captiva

A ser Senhora o meu amor televa

O vosso coração tão imprudente,
A ser o meu rival?

D. Ay. Que nesciamente

D. Diogo discorres! Este empenho
He todo meu.

D. Diog. A cauza?

D. Ay. Porque tenho

Maior razao que vós: eu a pertendo
O meu braço temei: pois se me
offendo *Ameaçando-o.*

D. Diog. Vosso valor, por grande
reconheço;

Porém, tambem do proprio não
me esqueço. *O mesmo.*

D. Ay. Os vossos ameaços tenho
em nada.

D. Diog. Senão vence a razao, tri-
unfe a espada. *Querem tirar as
espadas, e a Alinda os detem.*

Alind. Ah! que fazeis, Senhores!
Que confuzo

Meu coração está! Eu já recuzo
O vosso amparo. Vós guardas,
conduzime

Donde o maior tormento eu mais
estime.

A morrer me levai: oh dura sorte!
Se heide viver assim, desejo a mor-
te. *Vai-se entre os Soldados.*

D. Ay. Para o confuzo já livres fi-
camos.

D. Diog. Se em vós reina o valor,
ao campo vamos. *Vão a par-
tir, D. Affonço os detem.*

D. Aff. Olá: onde partis? que exce-
ço he he este?

Tão depressa, por fim, vos esqueceste
De que sois Portuguezes, que ain-
da agora

Vos obriga huma falsa, huma, trai-
dora,

Empunhar as espadas? Nesta empre-
za

Que-

- Quereis eternizar vossa nobreza? Me outrogues o perdão. *Ajoelhaõ.*
 Oh Céos! Eu o não creio, estaõ D. Ayr. Eu juntamente,
 sujeitos O mesmo te supplico obediente.
 A paixões femenis os vossos peitos: D. Aff. O que me supplicaes mi-
 Ah! Deixai Capitaens, ponde de nha piedade
 parte Vos concede; e depois....
 Emprezas de Cupido: acçoens de D. Diog. Que heroicidade! *Levan-
 Marte taõ-se.*
 São todo o vosso emprego. Sem Os teus braços me dá.
 demora D. Ayr. E de meu peito
 O Principe Melráo vos chama a- Huma constante te *Abraçaõ-se.*
 gora. D. Aff. Já satisfeito
 Ao campo parti aonde a victoria, De meu agravo estou.
 As palmas tecerá da vossa gloria. D. Ayr. Ao campõ vámos,
 E pois que procurais novos perigos, Onde nõves triunfos esperamos.
 Congratulai-vos ambos, sede ami- D. Diog. Para que a fama cante mui-
 gos. tas vezes....
 D. Diog. Illustre D. Affonso, já co- Dodos. Generozas acçoens dos Portu-
 nheço guezes. *Vaõ-se.*
 Tua grande piedade; assim te pego

ACTO QUARTO.

SCENA I.

Vista de falla, com cadeiras, e bafete, com preparos de escrever.

Sahe Restemocan, e Soldados.

- Rest.* **E** Stá chegada a triste, e fa- Se he que manda da lei o justo
 tal hora, empenho
 Do maior desempenho. Veja agora Que huma traição se puna c'huma
 Portugal, e o mundo em toda ida- vida;
 de, Execute-se a lei; offerecida
 Que ha nos Indios tambem pura Minha cabeça está; poreu que fa-
 lealdade. ço?
 Mas que empenho cruel, tiranno, Com ella a mesma lei não satis-
 e fore! faço.
 Eu heide ás proprias filhas dar a Porem heide.... (Não sei como
 morte? o profira!)
 No seu sangue, verter o meu? Ah Sentencear á morte a Readmira,
 triste, E Alinda tambem? que indigna of-
 E rigoreza scena! Mas consiste fensa
 Neste ponto da fama o desempe- Da propria natureza! Huma sentença
 nho. **D** Hei-

Heide dar? Hade ser dare homi-
cida,

O que (abaixo do Ceos) lhe deo
a vida?

Por certo não será. Nas puras aguas
Desse rio sagrado as minhas ma-
goas

Terao perpetuo fim. Mas que dis-
corro!

Se pelas não julgar constante mor-
ro,

Nem por isso as liberto; antes mor-
rer do

Suspeitozo me faço desse horrendo
E cruel assassino, Esta lançada

A sorte contra mim: seja chamada
Partem os Soldados.

Huma, e outra aqui logo. Oh Ceos
piedozos!

Como sois contra mim tão rigoro-
zos!

Sou pai, e sou Juiz, que assim o
ordena

Quem talvez por me dar mais cr uel
pena,

Este cargo me deu! rigor terrivel;
Com os affectos de pai incompati-
vel.

*Salve Readmira com cadêas entre
Soldados.*

Read. Aqui estou Senhor. Que he o
que ordena *Intrepida.*

Contra mim teu rigor? Se ultima
pena,

Eu a aceito; constante o golpe es-
pero;

Não se demore mais.

Rest. Filha, não quero

Ser Juiz, sem. ser pai. *Com algu-
ma ternura.*

Read. Ah! que entendia,

Que com outro falava; de alegria
Cheio o meu coração, aprêso os
passos

A buscar novo alivio em vossos
braços. *Abraçaõ-se.*

Rest. Impia scena! *Senta-se, e chora.*

Read. Que vejo? Que desgosto,
Vos faz banhar da lagrimas o ros-
to!

Rest. Confessame prejura o teu deli-
cto! *Fazendo-se severo.*

Read. O que dizervos posso, tenho
dito.

Entendei, que ambas fomos inno-
centes.

Rest. Oh como essas palavras inco-
herentes

São com o cazo, que vimos suc-
cedido:

Como foi nesta falla introduzido
Aquelle alfange? Dize: aquellas
vozes,

Que se ouviraõ de perfidos, e a-
trozes

Assacinos, quem he que as profe-
ria?

Teu fernenil valor, que pertendia
Com aquelle punhal?

Read. Oh mortal ancia!

Pertendia mostrar nobre constancia,
Da fé que protestei aos vencedo-
res.

Rest. Oh! que indigna desculpa!

Read. Tudo horrores

Me reprezenta o fado. *A parte.*

Rest. Na evidencia,

Não tens algum indicio de inno-
cencia.

Read. Como a pai, não Juiz, toda
a verdade

Dizervos quero. Oh Ceos, que
impiedade!

Naquelle falla, estavamos falando,
Eu com Alinda fós, (que pena!)
quando

O Principe Melrao nos apparece,
E com elle Maliqui: aqui parece

Que

Que competio o susto, e a alegria,
A qual delles de posse ficaria
Dos nossos corações: veloz qui-
zera,
Se o perigo, em que estava, o não
temera.
Nada acerto a dizer-lhe; elle apres-
tado
Me aconselha que o siga; neste es-
tado
De vós, Senhor, me lembro, (oh
que tromento!)
Do affecto paternal, do juramen-
to,
Que deide ser fiel, do meu decó-
ro;
Com valor lhe rezisto, sinto, e
choro;
E por fim, não consinto na fu-
gida,
Por não expôr a vossa amada vida
A' vingança cruel dos vencedores,
Que talvez vos culpassem; elle em
furores
Abrazado, Senhor, (tremo em
dizelo!)
Fôrma desta constancia ardente zel-
lo;
E julgando que nosso fragil peito,
A alguns dos Capitaens vive su-
jeito,
Qual taminto leão, sem mais tar-
dança,
Quer em todos tomar justa vingan-
ça:
Eu vendo, oh triste dor! que se
perdia,
Lhe lanço mão do alfange, que
trazia,
Rogando-lhe se auzente: os meus
gemidos,
Pelas guardas do Paço são ouvidos;
Elles fogem, já quando perto es-
tava.

Do vencedor a gente, que os bul-
cava;
E vendo-me na mão o instrumento,
Agressora me julgaô.

Rest. Fundamento

Nenhum tem a desculpa. Dize, in-
grata,
Assim a hum pai honrado a filha
trata?

He possível que o Principe viesse?
Que neste sitio entrasse, e não pu-
desse

Ser dos guardas do Paço descuber-
to?

Por onde entrar podia? Elle he bem
certo,

Que combatendo os muros da Ci-
dade

Está. Dizeme falsa he a verdade,
Que expôr me prometeste!

Read. Quanto exponho....

Rest. Suspende a voz: parece-me que
he sonho

Tudo quanto aqui passa. Oh quem
diria, *Pega na pena.*

(De proferilo tremo!) que eu se-
ria....

Mas o vigor me falta. Ah filha
amada! *Querendo levantar-se*

transportado, e torna a sentar-se.
Mas que he do meu valor? seja

lavrada
A sentença: no corpo o sangue
gella.

Daqui te auzenta: oh Ceos! Não
posso vela.

Read. Eu obedeco, Senhor, que la-
birinto

De eternas contuzões no peito fin-
ro!

O Principe ainda agora aqui falan-
do,

E ao mesmo tempo no campo pe-
leijando!

Fôí iluzão talvez, ou foi delirio?
Eu mesma lhe falei.... oh que martyrio!

A sua voz ouvi; elle mesmo era
Quem levarme queria; pois que
espera

O meu valor se vê, que o cruel
fado,

Contra mim já de todo conjurado,
A' morte me conduz! Ah, neste
lançe

Aprenda-se a morrer: mais senão
canse

O vosso coração: sem mais de-
tenção,

A mesma sou, quem lavra essa sen-
tença. *Quer tirar apenas da mão
do pai.*

Rest. Soccega Readmira, Alinda ve-
nha. *Vão os Soldados.*

Read. Eu não creio, Senhor, que
Alinda tenha
Mais verdade, do que eu; sua
fortuna

Com a minha se iguala.

Rest. Que importuna!

Essas vozes modera. *Reprehensivo.*

Rud. O defafogo

De paixão me impedio! Pois eu
vos rogo

Que auzentar me deixeis.

Rest. Não to permitto,

Para mais castigar o teu delicto.

Porém Alinda chega, outro com-
bate

A meu peito se offerece.

*Sabe Alinda com cadêas entre
Soldados.*

Alind. A que relate

Qual indigro agressor foi do as-
sino,

De quem e ra o punhal, com que
destino

Alli foi conduzido, he o que orde-
nas?

Rest. Sim, Alinda.

Read. Só tu de tantas penas

Me podes eximir: fala verdade;

Querida irmãa, não uzes falsidade.

Alind. O alfange, que na sala se
encontrou...

Rest. Como assim, se na sala não
entrou

Quem alli o deixa-se?

Alind. Não uzo engano.

Read. Tudo se vai dispondo em nos-
so damno. *A parte a Alinda.*

Rest. Mandou o vencedor, que exa-
minasse

Como pai este cazo, e que infor-
masse

Com o meu sentimento.

Alind. Eu não me atrevo

A dizer o que sinto *A parte a Re-
admira.*

Rest. Eu cumprir devo

Com a lei da justiça. Está lançada

A vossa infausta sorte desgraçada.

Esfereve.

As duas. Aq teu coração, não faz
violencia,

Sentencear cruel nossa innocencia?

Best. De mim já não depende a vos-
sa vida.

As duas. Pois constante se morra,
irmãa querida.

Sabe D. Affonso, e 4 Soldados.

D. Aff. Restomocan, já tens exami-
nado

Quem seja o agressor: Mas pertur-
bado

Te considero. Fala. Emmudecesto?

Que sentido he o teu? Que resol-
veste?

Rest. Sou pai, Senhor, e nisto tudo
digo.

D. Aff. Juiz te nomeei.

Rest. de Juiz figo

Tabem as leis Senhor, (forte ini-
miga!) Se

Se pai, ou Juiz sou, este to diga.

Da-lhe o papel, e chora.

Oh Ceos!

D. Aff. Que honra!

Read. Indigna crueldade!

D. Aff. O seu pranto, me incita a ter piedade.

Mas vem os Capitães: de victoriosos

Os indícios me dão; pois vem gostozos.

'Sahe D. Diogo, e D. Ayres.

D. Diog. Illustre *D. Affonço!*

D. Ay. Heroe preclaro

Do valor Portuguez distincto amparo.

D. Aff. Illustres Capitães, com a certeza,

Que a victoria alcançastes: desta empreza.

O successo contaí.

Alind. Ah! Que parece,

Que a cada instante a desgraça cresce. *A parte.*

D. Diog. Apenas, Gran Senhor, tinha sabido

Das tropas o esquadrao mais escolhido,

Igualmente por ambos commandado,

Quando com seus guerreiros acampado

O Principe Melrao, sabio, e valente,

Nos armou de Indianos huma frente.

Tão extensa, que ao longe parecia,

Que hum numerozo exercito trazia:

A' vista disto a gente Portugueza,

Indícios viz não dando de fraqueza,

E logo, a hum corpo unida, desprezando

A multidão, as lanças empunhando,

Huns, e outros, os raios despedindo

Dos pelouros, que os ares vão ferindo,

Em mui poucos minutos derrotámos

O numerozo exercito, em que achamos

Hum despojo mui grande de captivos,

Sendo menor o numero dos vivos.

Huns ao rio se lançaõ, outros trepando

Pelas arvores vão com medo, quando

A Melrao, e Maliqui divizamos;

Que escapar detreminão: nós formamos

A idéa, Senhor, de sorprendelos;

E sendo igual a sorte a taes disvellos,

Felizmente os intentos conseguimos.

Esta a primeira acção foi em que vimos

O valor Indiano; ainda caídos,

Mais querião ser mortos, que rendidos;

Té que cedendo á sorte, prisioneiro.

Qualquer delles se entrega ao captivciro.

Read. Que impia sorte!

Alind. Ai de mim! *A parte.*

Rest. Que duro fado!

D. Aff. Qualquer delles aqui seja chamado. *Vai-se D. Ayres.*

Destes Indios soberbos, e arrogantes,

Quero ver-lhe gsflozo os seus semblantes.

Rest. Oh Ceos! que farei? *A parte.*

Read.

Read. Alinda...

Alind. Readmira...

Read. Deste lance cruel não sei que infira. *A parte huma a outra.*

Sahe D. Ayres, Melráo, e Maliqui prezos.

D. Ay. A' prezença chegai do nobre invicto

General, prizioneiros.

Rest. Como afflicto

O coração está!

A parte.

As duas. Numes sagrados!

Os dous. Que he o que vem meus olhos!

As duas. Maniatados

Os espozos!

Os dois. A espoza entre caddas!

Todos constrenhados, olhando do se.

Mal. Aquelle he D. Affonço, que receias?

Melr. Respeitavel semblante!

Rest. Impio conflicto! *A parte.*

D. Aff. Soberba ostentação! *Observando os.*

Rest. Qual he, tirannos Ceos, o meu delicto?

D. Diog. Podeis falar.

Melr. Não tenho mais que diga, Senão, que a sorte foi minha inimiga;

Que captivo estou, mas não rendido. *Arrogante.*

D. Aff. Que barbaro!

D. Diog. Que louco!

D. Ay. Que atrevido!

Melr. Que os meus intentos todos, se frustrarão;

Que os meus Sagrados Numes me deixaraõ.

Que me mandes matar; sim, eu to rogo;

Seja a morte da injuria desafogo.

O Principe Melráo, isto te pede:

Sacia nelle, em sim, a cruel sede

Com que chegaste a vir, fero, e tiranno,

Pelos liquidos campos do Oceano; A verter tanto sangue, quanto vemos,

Nelle terrivel mal, que padecemos.

Mal. Eu o mesmo differa...

D. Aff. A vós suspende:

Teu estado não vez! Agora aprende

A soffrer da fortuna a contingencia.

Tu indigno te fazes da clemencia;

A Melráo.

Mas eu, que sou tiranno, eu que do Tejo

Rompendo mares vim, pelo dezejo

De saciar a sede mais ardente,

Nos que as terras habitaõ do Oriente,

Em vingança do orgulho, com que fallas,

E do cego furor, que louco exallas,

Como dizes, cruel! fero inimigo, Te quero agora dar novo castigo.

Restomocan?

Rest. Senhor?

D. Aff. Na minha auzencia;

Executor serás desta clemencia. *A parte a Restomocan.*

As caddas lhe tirem; sem demora Cumprir deveis o que mandar agora

Aos Soldados.

Restomocan. E vós sem mais detença

As damas.

Hoje vereis cumprida esta sentença.

Illustres Capitaens, vinde comigo.

Vai-se.

D. Diog. Quem, bella Readmira, do perigo

Libertarte podera!

Vui-se.

D. Ay. Alinda bella,

Por

Por te livrar meu peito se dissel-
la. *Va-se.*

Mal. Oh como sinto aqui verificado
O meu zello!

Melr. Ai de mim! Desenganado

Estou já, oh cruel!

As duas. Mas será sonho!

Os dois. He certo o que estou ven-
do, e o que supponho!

Rest. Socegai vossos animos, Senho-
res;

A alegria trocai pelos temores;
Não mais vos pertubeis de vans
idéas.

Desfatai-lhe, Soldados, as cadêas.
Soltaõ-nos.

E vós, filhas crueis, em vosso
damno,

Se apura agora mais o grande en-
gano.

Melr. E que intentarão? Dize?

Rest. Culpa horrivel!

Eu contar-vos o caso he impossí-
vel;

Não me está bem dizelo; mas
quizera

Saber huma verdade, em que se
espera

A minha, e sua vida. *Fica fa-
lando aos dois em segredo.*

Alind. O que eu temia

Certo vem a sahir. *A parte a Re-
admira.*

Read. Ah! que profia *Interrompe a
Restomocan, e lhe fala a parte.*

He essa que fazeis? Nós as cul-
dadas

He, que fomos, Senhor.

Rest. Ah! desgraçadas!

Falar quizera, sim, porém o pejo,
He remora cruel do meu desejo.

Os impulsos da honra em largo
pranto

O semblante me inunda em pesar
tanto.

Da minha patria o enizero deffre-
ço,

A memoria me vem; em simação
posso

A vida conservar. Vejo captiva

A mizera Cidade; e mais se aviva

A fé violada... Eu tremo, e me
confundo,

De ser injuria á patria, ao Ceo,
e ao mundo. *Vai-se.*

Melr. Attendei-nos, Senhor; mas lasti-
mizo

De todo se auzentou.

As duas. Amado espozou...

Mal. Deixa esse nome ingrata.

Melr. De inimigo

O titulo só tenho.

Mal. O mesmo digo.

Read. Eu falsa!

Alind. Eu cruel!

Mal. E não me espanta

A vossa ingratidão; pois ella he
tanta,

Que até a mesmo pai offender
chega.

Melr. Ah Readmira! meu amor não
nega,

Que tu foste o seu idolo adorado,
A quem ha tanto tempo consagra-
do

Estava hum coração: tu o dei-
xaste,

Porque dos vencedores te agradas-
re.

Dize: he esta de amor firme leal-
dade,

Que jurado me tinhas? Na verdade

A meu pezar a vejo.

Mal. E tu, tiranna,

Mais fera, e mais cruel, que Ti-
gre Ircana,

Contente estarás já de verme en-
tregue

Nas mãos do vencedor?

Melr.

Melr. Ah, não se negue

A esses Capitaens o amor constante;

Entra em Goa com elles já triunfante;

E o consorte algum dia idolatrado,
Qual captivo, em prizoens seja levado;

Porque assim se duplique na memoria,

A' custa do meu mal, a tua gloria.

Querem partir.

Read. Ouve.

Alind. Attende.) *Detendo-os.*

Read. Repara. Diferente

Do que julgas, eu sou.

Melr. Estou sciente,

Do que dizer-me queres.

Read. Charo espozó...

Melr. Outro, falsa, inimiga, venturozo

Esse titulo merece.

Read. Não amado,

Tu sómente es o idolo adorado,

A quem nas aras de humá fé mais pura...

Melr. Enganar-me não podes, oh prejura!

Mal. Essa terna expressão dos vencedotes

He tributo. *Para Alinda.*

Alind. Oh que dor! os meus clamores

Não attendes?

Read. Em mim a cruel ira

Do Nume sacro....

Melr. Fala, Readmira.

Attendamos á sua falsidade. *Para Maliqui.*

Read. Eu ingrata não sou; desta verdade

Testemunhas srao nossos extremos;

E este mal que constantes padecemos;

No desprezo do pai, no rigor forte
Do mesmo General, em fim, na morte

Que esperamos sentir já por instantes,

Culpa não temos mais, que o ser amantes.

Melr. Explicite, tiranna.

Read. O vosso intento,

He a cauza total deite tromento.

Melr. Pois como?

Pead. Já sabeis fostes sentidos

Dos guardas de Palacio, que impellidos

Do natural furor, crucis chegaraõ,
Quando na mão o alfango me encontraraõ,

Quiz falar a verdade; mas temia

Vos encontrassem: oh Ceos! eu não sabia

A que parte vos tinhes auzentado;

Em tanta confuzaõ já perturbado

O discurso, afflicto, e vacilante,

Determino morrer como constante.

O General, que nesse instante chegá,

A nosso pai a nossa cauza entre-ga:

Elle da honra em tal cazo estimulado

Mais do que pai, Juiz se tem mostrado:

Affim nos julgou dignas de morte,

E hoje se ha de cumprir a nossa forte.

Melr. E onde fica a ternura, onde a piedade

De D. Affonso? Aquella heroicidade,

Se na acção de rigor, mostra cubiga?

Read. Nestes lances, Senhor, se da justiça

Lem-

Lembrar-se deve o vencedor : re-
para,
Que se isto não fizesse, não obra-
ra

Como devia. Os grandes alaridos,
De repente chegaram a seus ouvi-
dos,
Desconcertadas vozes, e clamores,
De affascininos cruéis, e de traido-
res :

Ver da morte na falla os instru-
mentos,
Não te parecem, dize, fundamen-
tos,

De temer da traição os certos peri-
gos.

A quem vive, Senhor, entre ini-
migos?

Agora, sim, podeis chamar-me
ingrata;

Mas vossa ingratitude he quem me
mate.

Vivei libertos, sim, nós partire-
mos

Para o cruel supplicio ; aonde hi-
remos,

As vidas exhalando em mortal an-
cia,

*Eternizar de amor firme constancia.

Alind. Oh rigor deshumano ! oh pe-
na esquivia !

Read. Vem minha amada irmãa ; não
mais se viva.

As duas. Ingrato, a Deos. *Partindo.*

Os dois. Detemte.) *Deten-*

As duas. Que me queres ?) *do-as.*

Melr. Que por alguns instantes mais
esperes.

Mal. Que valor !

Melr. Que firmeza ! que constancia ?

Alind. Falta já em meu peito, a
tolerancia.

Melr. Se he verdade o que dizes, se
de engano *Para ambas.*

Te não serves Alinda...

Read. O Soberano

Nome, que adoro, em meu abo-
no seja...

Melr. Para que do que expõe, mais
certo effeja,

Read. A tua mão me dá.) *Da-lhe*
Sim eu ta entrego) *a mão.*

Inda falla me julgas?

Melr. Não o nego.

Em poder de inimigos te contem-
plo;

E poderás seguir o seu exemplo.

Recezo.

Read. Pelo idolo juro, que adora-
mos,

Que seu firme.

Mal. Não mais, Príncipe, vamos.

Eu de ti nada espero. A fé devi-
da *Para Alinda.*

Guarda aos teus Capitaens.

Alind. Fero homicida, *Impaciente.*

Onde aprendeste, dize, acautel-
lado,

Hum modo de matar tão desuza-
do?

Se algum desses tirannos vencedo-
res

Eu estimo, do Sol os resplandores,
Permita o Ceo...

Melr. Maliqui, Alinda bella

Constante se imagine: defendela

He credito de amor, e fidalguia.

Antes que se sepulte a luz do dia,

Ella seia, e a bella Readmira,

Livre dessas prizoês, e a cruel ira

Do vencedor suspena, e tal cas-
tigo...

Os tres. Ah, que intentas fazer ?

Melr. Nada mais digo.

Se os Europeos, soberbos, e or-
gulhosos,

Fazem timbre de serem capricho-
zos,

E

Che-

Cheios de honra, valor, desintereſſe,

Tambem aos Indianos amanhece

O meſmo Sol. Maliqui, vem comigo

Mal. O teu voto, Senhor, abraço, e ſigo.

Alind. Mas D. Diogo ſe apreſſa. Cruel pena!

Sahe D. Diogo, e Soldados.

D. Diog. Vinde já, prizioeiras, pois o ordena

O General. E vós, pois obtiveſte

Aos dois.

Liberdade, Senhores, logo deſte

Lugar vos auzentai, ſem mais demora.

De todo eſte Palacio, lançaí fóra

Aos Soldados.

Os Gentios, e Mouros. *Vai-se.*

Mal. Tens ouvido? *A Melrdo.*

Melr. Mais eſperar não poſſo. *Partindo.*

As duas. A deos querido eſpozo

Melr. Oh duro fado!

Mal. Triste ſorte!

Read. Oh, que pena cruel!

Alind. Que dor, tão forte!

Todos. Eu a partir, oh Deozes, não atrevo

As duas. Ah, que faço!

Os dois. Que cuido!

Todos. Partir devo } *Partem, e no fim da ſcena, voltaõ outra vez*

Melr. Oh, que lance!

Mal. Que ſcena laſtimoza!

As duas. A deos amado eſpozo.) *Abra-*

Os dois. A deos eſpoza) *ção-se*

Impios aſtros, em tanta contingencia....

Todos. Do noſſo infausto amor, tende clemencia. *Vão-se.*

A C T O Q U I N T O.

S C E N A I.

Vista de ſalla, com cadeira de eſpaldar, e aſſentos raxos. Grande portico, por onde ſe gozaõ os Palmares, e as columnas, que os apartaõ.

Sahe D. Ayres, D. Diogo, e D. Affonço.

D. Aff. **J**A D. Ayres, eſtou bem informado;

Não mais me ſuppliqueis; determinado

Tenho o que heide fazer. Sei que a piedade

Enobrece os heroes; deſta verdade

As voſſas inſtrucções não neceſſito.

Mas deveis entender, que ſe ao delicto

Senaõ ſeguir a pena, brevemente Se fará todo o mundo delinquente.

D. Ayr. Se chegaſſes a ver, Senhor, invicto,

Reſtomocan, e a magoa com que aſſicto

Eu o vi, a huma arvore encoſtado!

O ſeu ſemblante em lagrimas banhado,

Hu-

Humas vezes os olhos levantava
Para o Ceo, outras vezes os man-
dava

A' terra, que o sustinha; e desta
forte,

Por instantes espera a cruel morte.

D. Diog. Ah! Compassivo perdoa a
Reademira.

D. Ay. Contra Alinda não movas
tanta ira.

D. Aff. Compassivo os delictos per-
doara,

Se a justiça o perdão não macu-
lara.

(Sinto n'alma hum total desassoc-
cego;

Compaixão deve ser, sim, não o
nego.)

Em fim, de todo estou defenga-
nado,

Que da culpa o motivo, exami-
nado,

Por instancias do pai não se con-
segue

Pois tem que mortal golpe a sen-
tir chegue

Qualquer daquelles peitos tão trai-
dores,

De outro castigo expostas aos hor-
rores,

Talvez confessem, com terror do
damno,

Qual he do atroz delicto o réo ti-
rante.

Restomocan chamai sem mais de-
mora. *A D. Ayres.*

D. Ay. Que violenta obediencia, he
esta agora! *Vai-se.*

D. Aff. Se crueis persistirem, desta
forte

Na sua obstinação, mais do que
a morte,

A vida sentiraõ, por justa pena,
Da traição, que a supplicio se con-
demna.

Alinda, e Readmira já levadas
Para huma ilha sejaõ degradadas.

Onde a vista de feras carniceiras,
Sempre afflictas se vejaõ prizio-
neiras;

Pois com este castigo assim at-
tendo

A' justiça, á piedade, e ao crime
horrendo.

Dom Diogo cumpri minha sen-
tença

Sem demora, que assim o pede a
offença.

D. Diog. Já prompto te obedeço (oh
duro effeito

Quanto violento cumprio este pre-
ceito!) *Vai-se.*

Sahe D. Ayres.

D. Ay. Promptos prateiraõ já os teus
Soldados

Chamar Restomocan. (Propicios
fados!)

E de huma novidade, mensagei-
ro

Eu quero, Gran Senhor, ser o pri-
meiro.

O Principe Melraõ, que da Ci-
dade

Os fúries discorreu, vossa piedade
Não cessa de louvar: ouvi admira-
do

Os applauzos, Senhor, com que
aclamado

Vosso nome he de Moiros, e Gen-
tios;

Elle passa da grande pompa, e
brios

Dos nossos Europeos: elle mil ve-
zes

De magnanimos louva aos Portu-
gueses:

Parece-me que nelle brilhar vejo,

Hum grave amor, hum tacito de-
zejo

De abraçar nossa lei.

D. Aff. Esse interesse!

He o que mais me enamora , e desvanece :

Esse fim foi sómente o que buscaraõ ,

Os Monarcas , que as terras conquistaraõ ,

Que o Betis lava , e que circunda o Tejo :

Esse foi , será sempre o meu desejo.

D. Apr. Quer ver a Restomocan , e a Readmira ;

E entre outras afflicções , luta , e suspira ,

Por tornar a falarvos ; mas lho impede

A guarda do Palacio ; e elle não cede :

Vós , Senhor , sois benigno , he justo tenha

Este indulto , se quer.

D. Aff. Mandai que venha. *Vai-se*
D. Ayres.

Ceo benigno , inspirai-me neste lance ,

Hum auxilio efficaç , para que alcance

O que deve fazer.

Sahe D. Diogo.

D. Diog. Obediente

As vossas ordens busco.

D. Aff. Certamente

Cumpris como leal ; a retirada

Do mesmo modo , que vos foi mandada ,

Dispozeste ?

D. Diog. Senhor... Que forte empenho !

D. Aff. Que respondeis ?

D. Diog. Oh Ceos ? valor não tenho ,
Nem se quer para velas : os semblantes

Em lagrimas banhados , vacilantes
Falar querem , e da maior o trizite effeito ,

Meia parte da voz dentro do peito ,

Suffocada lhes deixa , e desta forte ,

São estatuas de neve : a cruel morte ,

Nada tem que fazer : o ver-se ausente

Do adorado pai , he o que mais sente

Qualquer dellas , Senhor. Que Tigre Hircana ,

Que fera mais cruel , mais deshumana ,

A compaixão , a dor não moveria
Seu lastimozo estado ! Ah , neste dia ,

Em premio , Gran Senhor , da lealdade

Com que vedes 'que sirvo , esta piedade

Me concedei.

D. Aff. Attendaõ-se.

D. Diog. Obedeço.

Vai-se.

D. Aff. A conduzilas hide. Mas que exceço

He este de falar-me ! se he que entendem ,

Que poderão vencer-me , se pertendem

Disparar contra mim as batarias

De seus olhos , enganaõ-se : as profias ,

Frustradas sabiraõ : o heroico-peito ,

A paixões ferneniz não está sojeito.

Sahe Restomocan , e Sol-dados.

Ref. Illustre vencedor ?

D. Aff. Vem , nobre , e honrado

Ref.

Restomocan. Porém, tu perturbado!
Rest. Ah Senhor! Inda ignoras o motivo
 Da minha turbacão, sabendo vivo
 Entre agudos punhaes, penas vehementes?
D. Aff. Eu prezumo, que são as que prezentes
 A' tua vista exponho. *Vendo sair as damas.*
Rest. Oh Ceos, que vejo!
 As enrugadas cans de horrivel pejo
 Se me cobrem. Senhor, daime licença. *Partindo.*
D. Aff. Pois que! cauza-te horror minha presença?
Rest. Ah Senhor! perdoai meu desatino. *Quer ajoelhar, e D. Affonso o não consente.*
Sahe Readmira, Alinda, D. Diogo e Soldados.
Read. Ilustre General?
Alind. Senhor benigno,
 A vossos pés prostradas, imploramos
 Piedade. *Ajoelhaõ, e choraõ.*
Read. Attendei.
Sahe Melrão, Maliqui, e D. Ayres, que ficam todos ao bastidor.
Mal. A' vista estamos
 Do vencedor, falailhe.
Melr. Readmira
 Aos pés do General! Não sei que infra!
D. Aff. A vossa forte, está já destinada.
Read. E eu heide morrer sem ser culpada!
Alind. Padecer innocente! oh que inclemencia!

D. Aff. E porque não mostrais vossa innocencia?
Read. De que forte, Senhor, amostremos,
 Se daquelle successo não sabemos!
 Ah! movamvos, Senhor, a piedade
 Não permittaes, que n'uma tenra idade,
 Seguindo do rigor as leis severas,
 Vamos fer (oh que dor!) pasto das feras.
 Eu ouvia cantar por muitas vezes
 Generozas acçoens dos Portuguezes:
 De benignos os louva o voz da fama;
 Mas quiz o Ceo, que n'uma infeliz dama,
 Que mais louvor, que morte merecia. *D. Affonso se turba.*
 Se troca-se a piedade em tirania.
 Não me attendeis, Senhor?
Alind. Ah, que á ternura
 Vosso peito se inclina, e já segura
 Qualquer de nós está.
D. Aff. Eu bem julgava,
 Que este duro combate me esperava.
 O coração se sente enternecido.
A parte com muita ternura.
 Basta já, nada attendo, tenho ouvido.
 Complices sois; as cauzas são patentes. *Forte.*
Melr. Não, culpadas não são, tão innocentes. *Sahe os trez.*
Mal. Sim, nós somos culpados, sem offensa;
 E contra nós se volva essa sentença.
Todos. Ceos, que vemos!

Rest.

Rest. Que horror!

Read. Se destemidos

Manifestaõ a traçaõ ! eu vos expreço

A verdade de tudo : eu já confesso,
Que esse alfange , que a dextra
sustentava ,

Vingativa , e cruel , o destinava
Para aver de vingar com mortaes
furias ,

Da dura escravidão tantas injurias.

Mais disfarfe meu peito não consente ,

Nada tens que apurar , sou delinquente ;

Cumprê comigo a lei determinada.

Amado pai , por esta desgraçada
Aos Numes implorai. Esposo amado ,

Outro foi meu designio ; emfim ,
gravado

Deixarei nos padroens da larga historia

Desta infeliz tragedia a fama , e gloria.

D. Aff. Assim , falsa , prejurá , assim
te esqueces ,

Do teu mizero estado : não conheces

Meu caracter ? Não sabes

Rest. Parto horrivel

Das feras mais crucis , como he
possivel ,

Que podesse caber n'um fragil peito ,

Hum açaõ tão enorme : se o respeito

As enrugadas mãos me não atara ,
Vingativo com ellas te arrancára

O mesmo coração !

Melr. Olá , suspende:

Restomocan. E vós , a quem se rende

O Idostan , de quem a illustre
Goa ,

Geralmente as virtudes apregõa ,
Daime attençaõ.

Read. Que intentas ?

Alind. Attendido

Do General não es.

Read. Ah , que o sentido ,
Me vai saltando já !

Rest. A dor , a ira ,
Os sentidos me prende.

Melr. Readmira

Quanto expressa he delirio ; não
entende ,

Que em se offender a si , amim
me offende ;

Pois a sorte cruel , a morte im-
pia ,

Que ella fosse a sentir , eu senti-
ria.

Eu , e Maliqui , somos os culpa-
dos ;

Pois entrando aqui mesmo disfar-
sados . . .

Read. Ah Principe , que expressas ?
Generozo.

Por mim queres morrer ?

Alind. Amado esposo . . .

Mal. O que o Principe expõem tu-
do he verdade.

D. Aff. Que nova traçaõ esta ? Em
realidade

Me confundo. Vos , peitos ardilo-
zos ,

Que pertendeis ? Soldados valero-
zos ,

Sejaõ logo em cadêas maniata-
dos Estes Indios , que á morte desti-
nados

Os tenho já por tanta falsidade.

Melr. Attende-me , Senhor ; nós a
lealdade

Inda que Portuguezes não sejam,
Tambem neste paiz a veneramos;
E para que de todo a reconheças,
Te manifesto, que de entre essas
Enlaçadas palmeiras, escondida
Huma caverna está; cuja sabida,
Vai dar junto do mar, que antigamente
Hum intruzo tiranno, que a esta gente
Com rigor, e violencia dominava,
Fabricar a mandou: nella esperava
O refugio encontrar, salvar a vida,
Quando fosse por sorte accommetida.
Passado o tempo, os que lhe succederao,
Destte occulto caminho se esquecerao;
Ou talvez temerosos assentarao,
Que os meatos da terra se fecharao
Pela serie dos annos: esta estrada,
Que ou sabida não foi, ou desprezada,
Me mostrou Astiage, que a lembrança
Inda della conserva, na esperanza
De resgatar aquelle a quem mais ama, *Apontando para Restomocan.*
Aquelle que da patria he nobre fama.
Eu e Maliqui sós esta viemos,
E de repente á vista lhe sahimos,
Onde em premio, Senhor, destes disvellos,

Mais que com o temor, luto com zelos,
Vendo que quando amante a procurava
Com tanto risco, terna se mostrava
Com os teus Capitaens; oh Ceos, com furia,
Intentei despicar tão grande injuria;
Mas pensando melhor, e já advertido,
Que era tão desigual o meu partido,
Occulto fico; e vendo se auzentava
Os parabens á minha forte dava!
Por ver já meu designio bem logrado
Quando (oh duro tromento! cruel fado!)
Readmira na fuga não consente,
Por não viver do proprio pai auzente.
Quaes nossos coraçoes entao ficaram,
Os tromentos dos zelos, que os cercarao,
Não me atrevo a dizer: dentro em mim sinto
De diversas paixoes hum labirinto.
O amor, a vingança o odio, a ira,
Cada qual augmentando, se conspira
Contra a mizera vida, eu a aborreço,
Do Cco, da patria, e até de mim me esqueço.
Logo, o alfange empunhando, determino
Por essas fallas ir; o meu destino,

Era buscar a morte como honrado,

Por não viver, oh dor! tão desprezado.

Desta acção, Gran Senhor, o nobre effeito,

Readmira suspende; ella o seu peito

Ao golpe mais cruel offerecia:

Em tanta confusão, em tal profusão,

O allange me tira, são sentidos

De meu furor os êccos; os gemidos

De Alinda, e Readmira; os teus Soldados,

Ao fúrio concorrerão: nós turbados,

A incognita estrada procuramos;

Esta he toda a verdade, que expellamos;

E se della, Senhor, inda duvidas,

No impulso das desgraças repetidas,

Se outra coiza suppoens, que se rezerva

Em meu peito, Senhor, attende, observa:

Olá, Soldados meus! Chamando junto ao pratico.

Salte Astioge, e grande sequito de Indianos, junto

as columnas.

Os Portuguezes tirão as espadas.

Ast. Promptos estamos. Poem-se com os Indios, em acção de disparar as frechas.

D. Aff. Que he o que vejo, traidores?

Ast. Que esperamos?

Melr. Detende-vos: de vós já nada espero: Os Indios abatem as frechas.

Que deponhais as armas, he o que quero.

Illustre General, tens conhecido Minha verdade já? Tens entendido

Quem foi o aggressor? Agora ordena

O que mais te agradar: nenhuma pena

Me será infosfrível, quando vejo, Executado o fim do meu desejo.

Ajoelha, e os Indios largão as armas, e os Portuguezes embainhaõ as espadas.

Res. Agora, oh Ceos! o peito o animo cobre.

As duas. Que constancia!

D. Diog.) Que fé!

D. Afr.) Que alma tão nobre,

Digna de ter na Europa produzida!

Readmira innocente! A minha vida

Defendendo, a pezar do proprio amante!

Querer antes morrer firme, e constante,

Que em traição consentir! oh Ceos! que espero,

Que huma virtude tal não remuner!

Sim, olá, D. Diogo, promptamente

As cadêas lhe tirem. Tu, contente

Deves estar, Melrão, pois inimigo

Me não deves suppor.

D. Diog. Tuas ordens sigo. Tira-lhe as cadêas.

D. Aff. Restomocan cobra animo.

Res. Prostrado Ajoelha.

A vossos pés, Senhor, já descansado

Vivi-

Viverei sem temor nem magoa tanta.

D. Aff. Que pertendes fazer? Não mais: levanta; *Levanta-se.*

E desculpa receios, que até agora De ti formei. Nenhum de vós ignora

O que deve fazer quem deste impregro

Se encarrega; e pois que de todo chego

A conhecer qual he vossa vontade, Bem he que conheçais minha piedade.

O Principe, e Maliqui partir devem;

Liberdade lhes deu; consigo levem

As esposas que buscao, não compradas.

Por dinheiro; mas sim por mercê dadas;

Porque vejaõ que a gente Portuguesa

Prêza mais a virtude, que a riqueza.

Rest. Eu, Senhor, já da vossa companhia

Separar-me não heide; eu só queria

Abraçar vossa lei, pois certamente

Lei, que segue tão forte, e sabia gente,

He verdadeira lei. Filhas queridas,

Ah! que me respondeis?

Read. Que offerceidas

Por immitarte em tudo estar devemos.

Rest. E vós? A Melrão, e Maliqui.

Melr. Senhor, o mesmo te dizemos.

Pois quando os Templos da Cidade vimos,

Quando deste Palacio hoje sahimos,

Experimentamos nelles a alegria, Que nos nossos pagodes não se via.

Mal. Eu tambem, pois que o Principe venero,

Immitallo em açao tão justa quero. *Arrojaõ no chão os turbantes.*

D. Aff. Vinde a meus braços já filhos amados, *Corre a abraçal-os a todos.*

Vinde, que os Ccos supremos destinados

Para este bem vos tinha. Sem demora

D. Diogo, D. Ayres, hede agora Toda a pompa dispor: esta victo-

ria,

Mais disvello me cauza, maior gloria:

Esta hade ser no continente India-

no.

Vinde pois, esquecidas tantas magoas,

Vossas manchas lavar em puras agoas.

As duas. Vamos amado espozo

Os dois. Vem espoza. *Dando as mãos.*

Rest. Que prazer excecivo o peito goza!

Os dois. Que gosto!

As duas. Oh que alegria!

D. Diog. e) Que virtude!

D. Aff. Dos vossos corações já mais se mude

Esta fé verdadeira. Ah que fazemos!

Vinde filhos, ao Templo caminhemos,

30 *Comedia nova D. Affonço de Albuquerque em Goa.*
Por tanta gloria, e prospera ven- Todos. A consagra-lhe os votos com
tura.... té pura. *Vaõf-e.*

L I S B O A

Na Offic. de ANTONIO RODRIGUES GALHARDO
Impressor da Real Meza Cenforia.

ANNO 1784.

Com licença da mesma Real Meza.



ADVERTENCIA

A O S

CURIOSOS.

N O lugar de Antonio dos Santos, que vende livros no principio da Rua Augusta, junto ao Terreiro do Paço, se vendem as Comedias seguintes; O Orfaõ na China, a Tragedia de Zara, o Filho Prodigio, os Bons Amigos, Zenobia no Oriente, Appeles e Campaspe, O Lavrador Honrado, D. Affonço de Albuquerque, e outras, que se vão imprimindo, e toda a qualidade de Entremezes, como tambem varias Cançoens, e Eclogas Pastoriz feitas por Joaõ Xavier de Matos.